RAP NACIONAL

www.rapnacional.com.br

ED N°7 - ANO II

R$11,99



CRIOLO

EMBAIXADOR DO RAP NACIONAL

Criolo da "Nó na Orelha" da crítica.
Do disco de despedida ao recomeço

DJ DAN DAN

Companheiro de Criolo há 16 anos e fundador da Rinha dos MCs

MV BILL

Novo EP "Vivo", livro e filme, são alguns dos planos para 2013

GANJAMAN

Mestre na produção e para-raio de maluco fala sobre a carreira e o envolvimento com o RAP

LUTO

DJ LAH, do Conexão do Morro, e mais 6 pessoas morrem em chacina na Zona Sul de São Paulo

VEJA TAMBÉM: MANO BROWN RECEBE PRÊMIO - PEDRO GOMES - TERRA PRETA - SISTEMA NEGRO - E.T.A - PARANÁ GANGSTA - KAROL CONKÁ MC GRA - MENTS - PREGADORES DO GUETO - FACÍNORA MC'S - MANO BRANCO - CONEXÃO BOSTON BRASIL - POESIA SAMBA SOUL - TATTOO BONGA - CHICANOS - GRAFFITI - LANÇAMENTO DA REVISTA RAP NACIONAL NA UNICAMP - COLUNA DO ALEXANDRE DE MAIO E MUITO MAIS



Nosso papel vai muito
além do impresso...
Portal Rap Nacional

Revista - Site - TV - Rádio - Loja

13 anos de credibilidade
50 mil visitas por dia



www.rapnacional.com.br


Página 9


Página 10


Páginas 17 a 19


Páginas 20 e 21


Páginas 32 e 33


Páginas 44 a 47


Páginas 48 a 64

Editorial

SÓ PROGRESSO...

Mais uma edição e vejo que a nossa revista continua a crescer cada vez mais. Cada aperto de mão e cada abraço que recebo em conjunto com palavras de agradecimento nos lugares por onde passo, são combustível aditivado para que tenhamos bom gosto e respeito ao leitor desde a pauta ao produto final.

Agora, em molduras ou apenas colado com durex, podemos ver dentro das casas de meus manos, dos barracos de madeira aos estúdios, a imagem de um ídolo do RAP NACIONAL. A imagem de um herói periférico que não usa capa e nem cueca por cima da calça, mas tem o super poder de resgatar jovens do mundo do crime e esquivar uma parcela das drogas, através de suas músicas.

O sucesso da edição passada, que trouxe de brinde o pôster com Edi Rock foi tão grande que resolvemos repetir em dose alta. Desta vez, duas vezes maior e em dose dupla. De um lado a capa do livro de um amigo, grande rapper e escritor Eduardo, do grupo Facção Central, do outro lado uma super foto do grupo Detentos do RAP, dando um rolê de lowrider, durante a sessão de fotos para a capa desta edição.

Detentos do RAP, um grupo que surgiu no Carandiru e já era forte dentro de um complexo carcerário, imagina agora, nas ruas? Pois é, eles que foram os primeiros a lançar um DVD de RAP NACIONAL também são os pioneiros a encartar um CD em nossa revista.

Estamos rodando o Brasil e levando nossa cultura até para fora do país. A revista RAP NACIONAL foi comentada no site Hip-Hop The Archive, da faculdade de Harvard. Também fomos para Aracajú/SE, onde fizemos o lançamento da Revista RAP NACIONAL Nº4 dentro da Semana Municipal do Hip-Hop e fomos recebidos pelo prefeito Edvaldo Nogueira em seu gabinete, para uma conversa sobre o hip-hop e a revista.

Seja para aquele que conta as moedinhas para interar e comprar a informação ou seja por aquele que esbanja e não faz questão do troco. Leia, divulgue e compartilhe RAP, o nosso papel vai além do impresso...

Até a próxima!

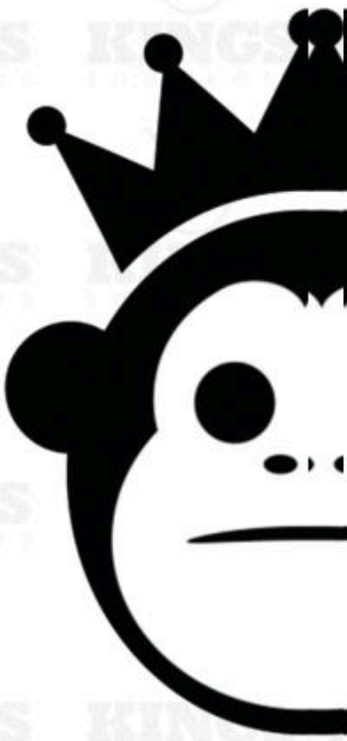


Mandrake (Diretor) e Elaine Mafra (Jornalista Responsável) - Lançamento da Revista RAP NACIONAL em Aracaju/SE

RAP NACIONAL

Publicação:
Portal RAP Nacional
www.rapnacional.com.br
Tiragem:
50 mil exemplares
Diretor:
Willian Domingues
(Mandrake)
Jornalista Responsável:
Elaine Mafra (Mtb 47.959)
Projeto Gráfico e Diagramação:
Willian Domingues
(Mandrake)
Foto da capa:
Márcio Salata
Colaboraram com esta edição:
Cristiane Oliveira, Jéssica Balbino, Paula Farias, Toni C.,
Departamento Comercial:
[47] 3046.6156
[47] 7813.8470 (Nextel)
985*21322 (ID Nextel)
revista@rapnacional.com.br
Operação em Bancas
Assessoria
EDICASE
www.edicase.com.br
Distribuição Exclusiva em Bancas
FC COMERCIAL E DISTRIBUIDORA S.A.
Manuseio
FG PRESS
www.fgpress.com.br
Twitter
twitter.com/rapnacional
Facebook
facebook.com/rapnacional

Rap NACIONAL
www.rapnacional.com.br



KIN

snea

WWW.LOJAKI

NIKE SPORTSWEAR

VANS "OFF THE WALL"

Diamond SUPPLY CO.

AS MELHORES MARCAS DE LIFESTY



NGS

k e r s

INGS.COM.BR

EVOKE EYEWEAR

NIXON

new balance

YLE DO PLANETA ESTÃO NA KINGS


MAFIOSO
CALIFORNIA
XTS 833
CHEVROLET

Only God Can Judge Me
WE RUN
THIS CITY
MAFIOSO



2013 começou com luto

Por Elaine Mafra | **Foto** Marlene Bergamo

Não há nada mais triste e difícil de aceitar que a morte inesperada. A dor e a revolta tomam proporções ainda maiores quando a vida é tirada por quem, na teoria, deveria proteger. Há mais de dez anos os versos da música "Click Clack Bang", do Conexão do Morro, ecoam pelo Brasil e alertam sobre a violência da polícia paulistana. "Ratos e mais ratos circulando as favelas. Muito bem, saiam da mira dos tiras. São eles é quem forçam, são eles quem atiram.
Reze pra sobreviver". Irônia do destino, ou não, Dj Lah, integrante do Conexão do Morro, foi morto pela polícia na madrugada de 5 de janeiro, na primeira chacina de 2013.

Junto com Dj Lah morreram outras seis pessoas e duas ficaram feridas. Segundo testemunhas, homens encapuzados, que chegaram em quatro veículos, dispararam contra o grupo de pessoas que estava em um bar. No local, foram encontrados 49 cartuchos de bala de pistola e espingarda. Seis policiais militares foram presos acusados pelas mortes. A chacina teria sido uma retaliação a um vídeo, divulgado em novembro, que mostra um grupo de PMs executando um homem. O vídeo foi gravado em frente ao bar onde aconteceu a chacina.

Os números oficiais, divulgados pela Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, mostram que a Polícia Militar da capital paulista matou 323 pessoas em 2012. Pasmem! Esse número é só do que eles consideram como resistência seguida de morte. Ou seja, casos como o de Dj Lah onde o cidadã é assassinado friamente pela polícia não são computados. Chacinas como esta assolaram a população da periferia durante todo o ano passado e mesmo assim não existe nenhuma informações sobre o número de mortes ou de policiais envolvidos. Uma declaração do Governo de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), dada no início de setembro causou revolta na população. "Quem não reagiu está vivo", afirmou Alckmin. E agora fica a pergunta: Dj Lah e seus amigos nem tiveram tempo de reagir e mesmo assim estão mortos. Qual a desculpa desta vez?





Mano Brown é homenageado com o Prêmio Honra ao Rap

Foi durante a festa de lançamento da edição nº 6 da Revista Rap Nacional que Mandrake surpreenceu Mano Brown com o Prêmio Honra ao RAP. "Brown sempre honrou seu trabalho perante nosso movimento e este foi o melhor momento para entregarmos esta singela homenagem. Não tenho palavras para descrever a grande satisfação", declara o diretor da Revista. A festa, promovida por Mano Brown, rolou na Black Bom Bom e um time de peso foi convidado para animar a noite, entre eles: Loka-Zoras, Kamau, Rincon Sapiência, Boy Killha, Dryca Ryzzo e o grande maestro dos toca-discos DJ KI Jay. Além dos convidados oficiais, Big (RDG), Lino Krizz, Ice Blue, Edi Rock, Don Pixote e vários outros integrantes da Cosa Nostra fizeram participações especiais. Confira algumas fotos da festa sob a lente do fotógrafo Zézinho Kintê











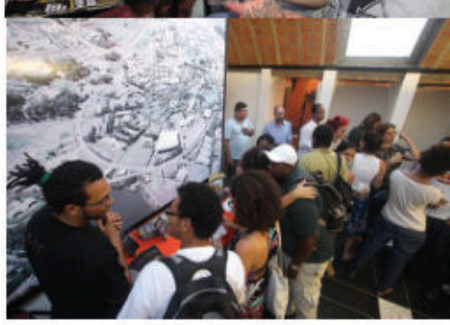



Ação!

Revista Rap Nacional é lançada em evento na Unicamp







No mês da Consciência Negra a Revista Rap Nacional participou do evento "Quem tem cor age: Desmistificando o Racismo à Brasileira", realizado na Universidade de Campinas (Unicamp). As atividades foram direcionadas à comunidade acadêmica, mas também reuniram representantes de movimentos sociais. Opressão e genocídio, Políticas Públicas para saúde da população negra, Educação e Racismo no Brasil e Arte e cultura afro-diaspórica, são alguns dos temas que foram amplamente discutidos em mesas redondas e debates, promovidos durante todo o mês de novembro. O diretor da Revista Rap Nacional, Mandrake, e a jornalista Elaine Mafra, participaram de uma mesa redonda onde falaram sobre o processo de criação da revista, a escolha das pautas, entre outros assuntos relacionados a publicação. Eles também destacaram o papel do RAP na luta contra o racismo, onde a questão da negritude é um tema recorrente. Os autores Cidinha da Silva e Michel Yakini também participaram do evento e lançaram os livros "Oh Margens Reinventa os rios!" e "A cor de um verso", respectivamente. A proposta dos organizadores é que o evento seja promovido anualmente.



LANÇA MENTOS

Bem vindos a VR!

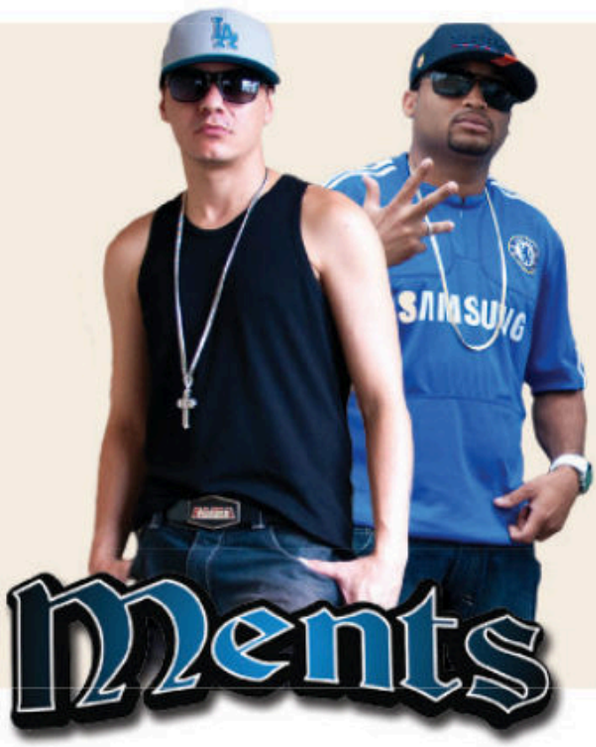
Sistema Negro lança videoclipe de "Verão na VR"

O cotidiano e as pessoas da Vila Rica, bairro de Campinas, fazem parte do imaginário coletivo de toda uma geração que ouviu os versos de "Verão na VR" ecoarem por todos os cantos do país. A música se tornou um clássico do RAP NACIONAL e mesmo 15 anos depois do lançamento oficial, que aconteceu em 1997 no disco "A Jogada Final", ela continua atual. Tão atual que ganhou um videoclipe. Quem antes só imaginava como era o dia a dia na VR, agora pode dar um rolê pelas ruas do bairro junto com o Sistema Negro. Kid Nice e Easy



Down

são os únicos integrantes da formação original que permanecem e hoje contam com 2K, que entrou para o grupo. O videoclipe "Verão na VR" tem a participação de Doctor-X, ex-integrante do Sistema Negro, e também de moradores da Vila Rica.



NÓIS É ZICAM MEMO

Grupo Ments lança novo videoclipe

A história de vida de Joaquim Barbosa, um negro e pobre que cresceu no interior de Minas Gerais, se tornou presidente do Supremo Tribunal Federal e condenou vários políticos corruptos, serviu de inspiração para o grupo Ments nessa nova música. "Muitos o chamam de exemplo de brasileiro, outros de exemplo de superação, mas do nosso jeito, da nossa maneira, preferimos rotulá-lo de "ZICA", explica Bruno. Joaquim Barbosa é apenas um, entre vários casos, de pessoas que vieram da periferia e com muita força de vontade construiram uma carreira e provaram que talento e personalidade não tem nada a ver com grana. A faixa "Nois é Zica Memo" foi produzida por Laudz e gravada no Studio Otrafita. Já o videoclipe foi produzido por Dammalok. A música tem participação especial de Jessy Brown e faz parte do disco "Da água pro Vinho", novo trabalho do Ments que será lançado em 2013.

GOSPEL

Rapper Drul lança mixtape "Versículos" e dois videoclipes

Os novos projetos revelam maturidade e experiêcia do rapper que esta há mais de uma década se dedicando ao RAP. Na mixtape "Versículos Vol.1 – Literatura Espiritual" é possível conhecer, de forma aprofundada, a visão de Drul sobre diversos assuntos. A faixa-título "Versículos"e "Madrugada" já ganharam videoclipes, ambos produzidos por Tiago de Jesus, da Porão Vídeos.

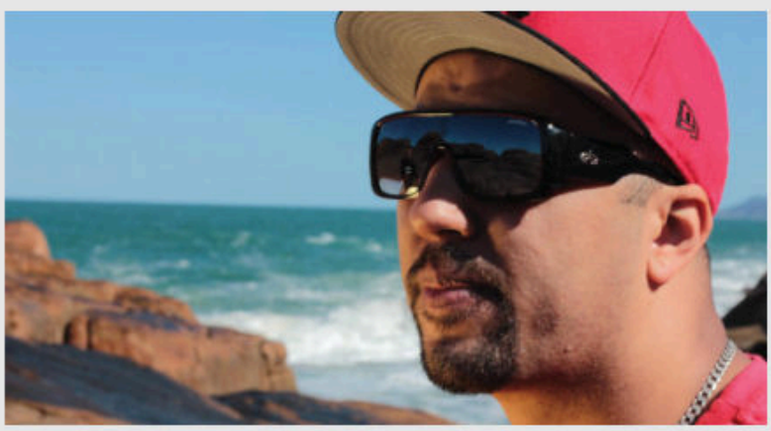




DOCUMENTÁRIO

Cultura Chicana em SP

"South American Cholo" é um curto documentário que examina a cultura chicana de São Paulo inspirada na cultura das gangues norte-americanas. O filme apresenta entrevistas com personalidades importantes e ícones, como por exemplo Estevan Oriol, Duel, Luiz Gordo e Alemão, levando o espectador para o universo dos lowriders, tatuagens, da religião e da moda além de contar por que eles são tão apaixonados pela cultura chicana e como vêem semelhanças entre eles e aqueles que vivem a vida no leste de Los Angeles. Apesar das associações violentas com a cultura de gangues, South American Cholo apresenta questões mais importantes e profundas. O que significa ser verdadeiramente um cholo e ainda preservar uma identidade brasileira.



MARROM

Vídeo marca os 25 anos de carreira

Lançada originalmente na Mixtape UNSOM DO ALTO (2009) a música "O que faz sentido" agora ganha um vídeo, para divulgar a compilação musical "Sempre no Tom", do rapper e produtor Marrom. A produção é de Dj Max Nos Beats e Sample Original "The Cinematic Orchestra-Everyday", a gravação de som administrado por: [Merlin] Ninja Tune Ltd Gravação, mixagem, masterização, filmagem e edição foram feitas por Marrom Rima Viva, no Estúdio Unsom. "SEMPRE NO TOM" é uma compilação musical feita em comemoração aos 25 anos de carreira do rapper e produtor Marrom, são mais de 50 grupos de rap, mais de 200 participações, mais de 50 músicas como artista solo em 15 anos de RAP e 20 como músico. O projeto visa resgatar um pouco das amizades que viraram músicas, seja cantando ou rimando, cada som trás um pouco das amizades que consegui pelo caminho, acreditando que muitas outras virão.



PODE PÁ

Os pregadores maloqueiros estão no jogo

"Se pensou que tinha acabado, se enganou. Nós de volta na ativa, a força se multiplicou. Pode subir lá no morro e avisar pro nosso povo que o bang tá formado, os maloqueiros tá no jogo". Os primeiros versos de "Pode Pá" já dão o clima que o grupo Pregadores do Gueto está mais forte do que nunca. Cleber e Dj F Jay, do Ao Cubo, participam do novo som e do videoclipe. Essa é uma das faixas do próximo disco do Pregadores do Gueto, que tem ainda a particpação de T.A.T.E (Eclesistes), Cleks (Du Alto), Alex (RDI), Wil (Procedência), Edson Gomes (Coral Mintre), Erick 12 (Religare) e esta sendo produzido por Erick 12, no Estúdio ReviraVolta Máfia e Versax.

DOC

A vida de Black Alien nas telonas

A vida do polêmico e controverso Gustavo Black Alien se transformou no documentário "Mr. Niterói – A Lírica Bereta". O filme vai muito além de mostrar apenas as influências, seu estilo de rima e as diversas possibilidades de se fazer música. A narrativa aos poucos vai mostrando também o lado humano do personagem. Seus triunfos, erros, sonhos e perspectivas para o futuro.



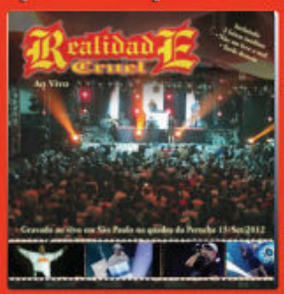

Está no
ar nossa
loja vitual!
www.
beatzshop
.com.br
BEATZ
BEATZ SHOP
O HIP HOP SHOP MAIS COMPLETO DO BRASIL
RUA 24 DE MAIO Nº 62 | SUBSOLO, LOJA 50
AVENIDA SÃO JOÃO Nº 439 | SUBSOLO, LOJA 16
TELEFONES: (011) 3333-3170 | 3338-1298

O PONTO OFICIAL DE TODA LINHA DE PRODUTOS

EMICIDA · AO CUBO · AXL · STAAT

CDS, DVDS, LPS, RAP NACIONAL E INTERNACIONAL









BONÉS A RUA ÉNÓIZ





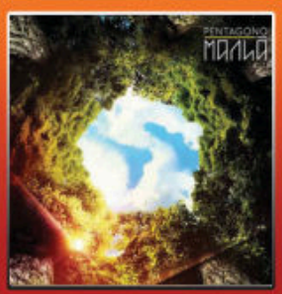






HEADPHONE SKULLCANDY









BONÉS, CAMISETAS, ACESSÓRIOS,
ROUPAS, FONES DE OUVIDO, LIVROS,
REVISTAS E BOTTONS.

TODO O UNIVERSO DA CULTURA HIP HOP
NACIONAL, INTERNACIONAL E INDEPENDENTE
VOCÊ SÓ ENCONTRA AQUI!



.BEATZ CONTATOS

FACEBOOK.COM/BEATZSHOP
TWITTER.COM/BEATZSHOP
BEATZSHOP
CONTATO@BEATZSHOP.COM.BR

ENTREGAMOS PARA TODO O BRASIL
VIA SEDEX OU PAC CORREIOS

VENDEDOR OFICIAL SKULL CANDY SONY PHILIPS

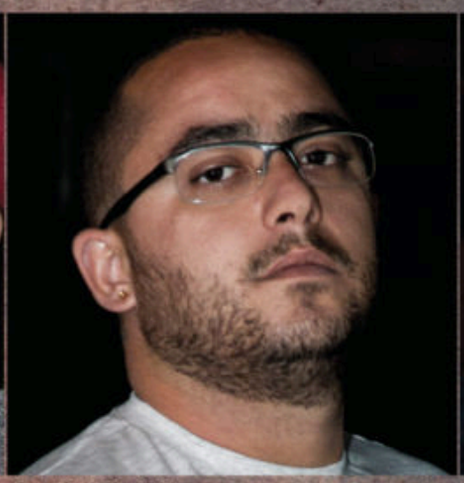
MC BB Gigante APRESENTA:

BANG DO CA$H





MC PASTUGA



SAULO ATHAYDE



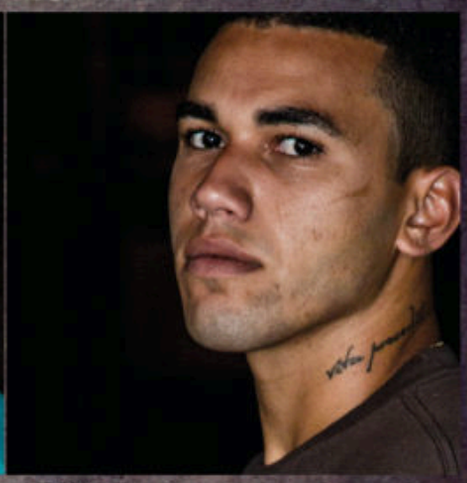
MC LP



MC CANAÃ



MC PERNA LONGA



TAZ MC

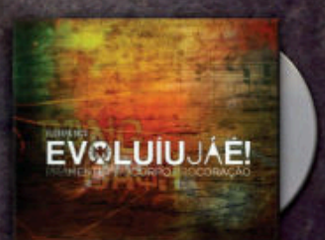
Bang do Cash são rappers convidados por MC BB Gigante para participar e colar junto com o Floripa MC's.

FLORIPA MCS

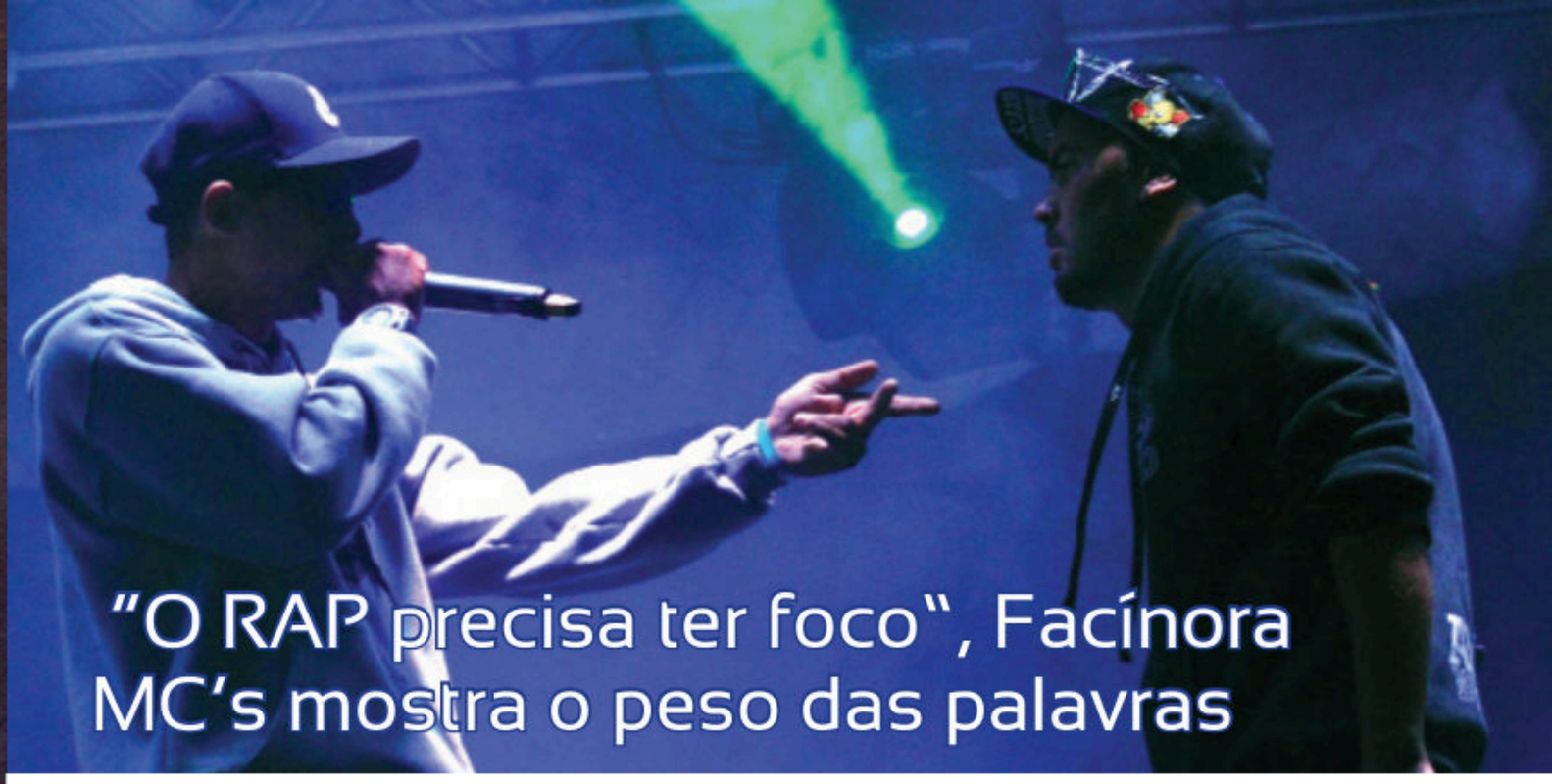
CD FLORIPA MC'S BANG DO CASH EVOLUÍU JÁ É!
EM MARÇO NAS RUAS



MC BABI MC BBGIGANTE DJ VINYL MC GAMAN MC GUINEWÁ



WWW.FLORIPAMCS.COM.BR
https://soundcloud.com/floripamcs
http://www.youtube.com/user/floripamcsvideos
https://www.facebook.com/floripamcs



"O RAP precisa ter foco", Facínora MC's mostra o peso das palavras

Por Paula Farias | **Fotos** Avelino Régicida, Gustavo Carneiro e divulgação

Pessoas apressadas, muito barulho e malas por todos os lados, mais uma noite típica no Terminal Rodoviário do Tietê, em São Paulo, maior da América Latina.

E dessa vez a revista RAP NACIONAL também embarcou numa viagem e após 6 horas de estrada chegamos ao lado Sul do país, para conhecer de perto a cena Gangsta do Rap Paranaense.

Curitiba já amanheceu e os nossos anfitriões, o Facínora MCs, nos guiaram nessa jornada. E foi justamente prosseguindo a viagem para a cidade de Paiçandú, interior do Paraná, que Falangi e Eduardo, expressaram o peso das palavras.

O grupo que irá completar 15 anos de caminhada, despontou em 2012, como sendo o grande destaque no Rap Paranaense, o CD "Peso das Palavras", alcançou projeção nacional, o que proporcionou aos piás a produção dos videoclipes "Direto das Ruas de Terra" e "Nem Quê Cê Queira", ambos com roteiros escritos pelos próprios rappers, gravação em preto e branco com direção do Porões Vídeos.

Apesar do sucesso alcançado com esses trabalhos, o grupo se mantém na convicção de que o Rap ainda está muito longe do lugar que merece. "O Rap precisa ser reconhecido como música, o ritmo do Brasil não pode ser só samba e MPB. O espaço da música precisa abranger o Rap", analisa Eduardo - Facínora.

Enquanto muitos temem em dizer que querem ganhar dinheiro com o Rap, o Facínora MC's quebra o tabu e dispara. "O Rap precisa deixar de ser hipócrita e ter foco, o nosso foco é o Rap em primeiro lugar, status para o Rap. O próprio Rap me discrimina, se eu comprar um carro melhor, os caras já irão dizer que eu tô boy, ou seja, o Rap nacional não quer me ver com progresso. O Rap precisa ter orgulho do que faz, em poder ter grupos ricos. A gente que vê os grupos de Rap fazendo shows por 100, 300 mil reais, porque o Gustavo Lima pode e o Rap não pode? Como a música mais inteligente que é o Rap pode perder para música mais burra?".

Dessa forma o grupo mostra uma visão à frente expressando que o Rap precisa de sustentabilidade, para pode evoluir, alcançar mais público, gerar renda para seus artistas, para que no futuro eles não tenham que abandonar suas carreiras, por falta de condições financeiras. "Muitos não sabem separar amar cantar de cantar por amor. Eu amo cantar, mas não canto por amor se eu cante-se por amor o meu cachê seria dois abraços e um beijo. Eu canto pela revolução do rap, a música rap precisa de dinheiro, pois ninguém financia uma guerra só com a emoção. A nossa essência será sempre a mesma, porque já nascemos com ela dentro do coração. Tendo condições a gente vai poder ajudar os moleques da quebrada, tirar eles do crime, oferecer uma nova alternativa, investir no rap deles, aí vão aparecer novos talentos e o Rap vai subir", desabafa Falangi-Facínora.









PARANÁ GANG

Após uma longa estrada com várias ideias trocadas, chegamos ao nosso destino, Clube Recreativo do Paiçandú, para o show de lançamento do clipe "Nem Que Cê Queira". Pois é justamente no interior que o rap gangsta tem forte raiz, esse evento reuniu alguns dos principais grupos e pudemos conhecê-los.

Revolução palavra chave e titulo do CD do grupo Facção 288, formado por mano Nego e Wellington. "A ideia é revolucionar levantar a bandeira do Paraná, tem muito Rap bom aqui que precisa ser valorizado. A cena gansgta paranaense está em alta o Rap é a voz".



E várias faces ajudam a formar o Rap paranaense, Rogério R, Josué, Wesley e Gi, formam o grupo Ultra Face. "Estamos finalizando nosso terceiro CD, o Rap no Paraná está bastante forte. É muito emocionante vê o público cantando conosco, é como se estivéssemos vivendo cada parte da música em cima do palco", comenta Rogério R.

Realmente no Paraná só tem monstro. Tiagão e os Kamikazes do Gueto levaram a bandeira do rap gangsta paranaense para vários estados do Brasil estabeleceram um estilo próprio de cantar narrando o cotidiano violento do Paraná que se reflete em várias outras quebradas. A mesma legião de fãs do grupo também se espantou quando no mês de setembro de 2012 Tiagão anunciou que havia se convertido e que iria deixar o grupo. Atualmente o rapper segue cantando rap gospel e o grupo Kamikazes do Gueto está em nova etapa da carreira e continuam trabalhando muito para fazer músicas boas, mantendo a essência.



Já o rap feminino também tem sua representante no gangsta paranaense, Kim forma o grupo Suspeitos MCs ao lado de Binho e Piruka. "Estamos com músicas no-





GSTA NA CENA

SÃO PAULO

vas, o Rap aqui está mais fortalecido. Eu tenho dois filhos, e que quero continuar levando minha rima, para mim é uma satisfação representar as minas somar com os manos", comenta a rapper.

Outro representante do Paraná é o Mano Sombra, que pretende lançar o novo disco até o final do ano. "A cena aqui está cada vez mais forte, a gente tem que ocupar o nosso espaço porque o Brasil é grande".



E o Paraná vai mostrando resistência o grupo Expressão Popular, que já existe há 10 anos e que agora está terminando seu primeiro disco, porém o público conhece as músicas e canta junto. "Participamos de vários eventos isso nos aproxima do público. É muita emoção vê a galera cantando junto".



Não podemos falar de rap paranaense sem citar o grupo Arquivo Negro que é um dos mais tradicionais, com 17 anos de carreira. As ruas da periferia de Curitiba são a principal inspiração para o grupo que tem letras carregadas de poesia, educação, cultura, autoestima, fé e relatos de acontecimentos sociais e culturais. E para 2013 o Arquivo Negro está preparando para o público um novo disco intitulado "O Rap Não Para", que terá participações especiais de Renan Inquérito, Função (Tribunal MC's), Mr. Cói (No$tra Máfia), WGI (Consciência Humana), Alex Souza, Panelão, Adriano Rosa (Rapaziada do Samba) e Mario. A produção do novo álbum está sendo feita por Dario, Dj Mk, Leo Souza e Galax.

Como já disse o poeta RAP nacional é nacional não é um estado ou uma região.

O RAP é uma mistura de estilos, sotaques e corações que pulsam mais forte pelo ritmo e poesia. E dessa forma, chegou ao fim nossa viagem, hora de voltar para a estrada porque o rap não para.

SANTA CATARINA



PSICOATIVO

Novo disco, livro e filme são algumas da novidades de Mv Bill

Por Elaine Mafra | **Foto** Divulgação

O ano de 2013 promete ser agitado para MV Bill, mas isso não assusta o repeiro, como prefere ser chamado. O novo EP "Vivo" deve ser lançado até abril e duas músicas, ambas com videoclipe, já foram divulgadas. O videoclipe de "O Soldado que fica", que tem cenas reais e participação de Kamila CDD, teve excelente repercurssão entre o público, um dos melhores videoclipes do RAP lançado em 2012. Já na faixa-título do próximo EP, as rimas ficam mais afiadas contra quem ainda não se acostumou com o caminho trilhado por ele. "Muito pela saco batendo no peito e rejeitando convite que na verdade nunca foi feito.
O bagulho é tipo assim, enquanto vocês falam das emissoras elas falam de mim", trecho de "Vivo".

Em junho, o rapper carioca retorna as telonas na comédia "Dia dos Namorados". Na trama o rapper interpreta o policial civil Tonhão. O longa-metragem tem ainda no elenco Toni Tornado,Danielle Winits, Heloisa Périssé, entre outros. A estreia de MV Bill nos cinemas foi em 2010, no filme "Sonhos Roubados", onde interpretou o presidiário Ricardo.

Aos 39 anos, MV Bill continua incansável e entre as gravações do novo disco, a apresentação dos programas "Aglomerado" (TV Brasi) e "O Bagulho É Doido" (Canal Brasil), a carreira de ator, palestras e shows, ainda consegue tempo para escrever o novo livro, em parceria com Celso Athayde. Dessa vez, a dupla que fundou a Central Única das Favelas (Cufa), promete contar a histórias da vida de cada um até 1998, ano em que se conheceram. A previsão é que o livro seja lançado em 2013.





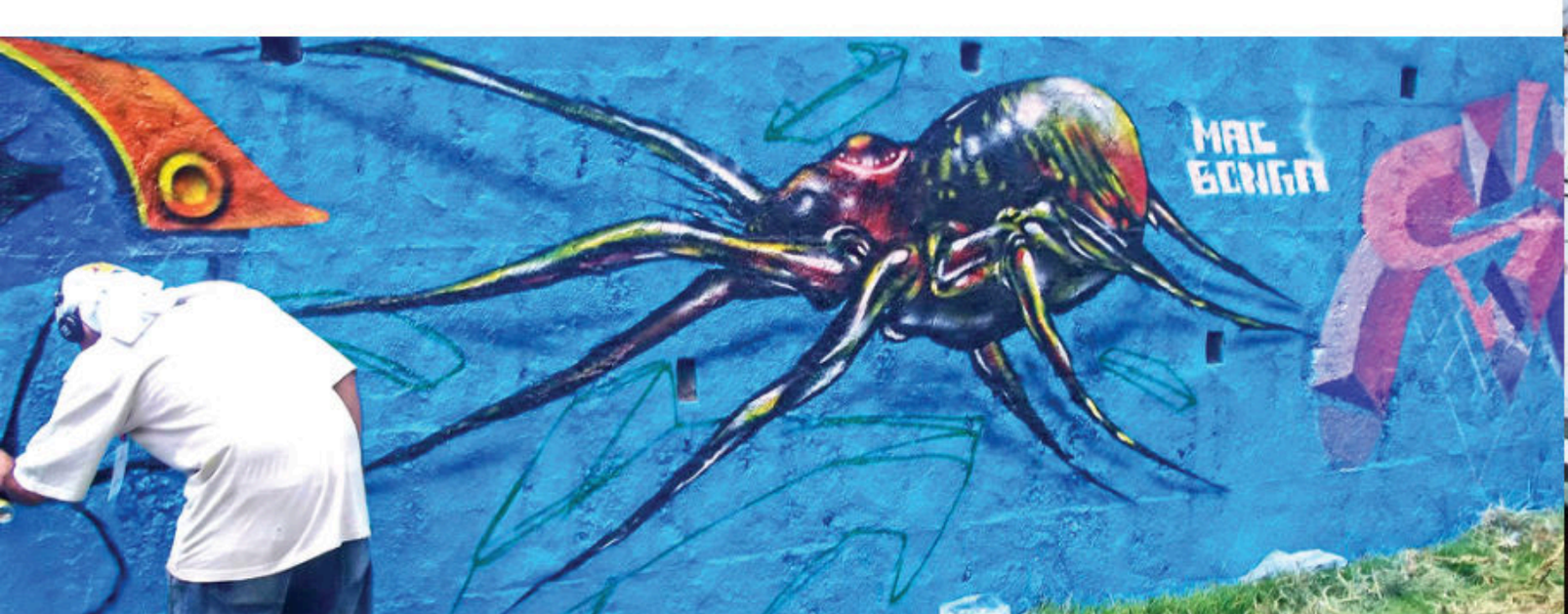
Grafiteiro Bonga: do subúrbio

Por Tamires Santana

Na sala de estar quadros de Lazoo, Loomit, Fred (Farm Prod), Juan Mac, T-Kid, Ske(FX), Etnik, Shalak, Armamento Visual, Drig (Pac Cru), Sipros e do próprio artista transformam poucos metros quadrados em uma mini galeria de peso. Na estante um punhal adornado com duas cabeças e o Diablo Huma, trazidos de Quito. Isto porque entre os dias 23 a 25 de novembro o grafiteiro Bonga e o amigo e também grafiteiro Vespa participaram do Meeting of Style Equador.

O evento soma quinze anos de existência, realizando mais de 150 edições pelo mundo. Bonga explica que o graffiti vem crescendo no país e os artistas locais ainda encontram muitas dificuldades em transporem para os muros o seu talento, com relação a materiais. E, apesar de existir uma singularidade resistente nos traços de uma população de cultura indígena, a influência, o estilo e o conceito, provêm do jeito europeu de fazer graffiti, principalmente nas letras – técnica de mais forte influência.

Este ano, Bonga participou do Kosmopolite Bélgica com Shock (após o evento foram para a Itália, permanecendo um mês na Europa), e da exposição coletiva É Tudo Nosso, na Galeria L'Oeil Aliança Francesa em São Paulo. Ofereceu oficinas em diversos lugares, entre eles SESC Bertioga, SESC Sorocaba e na Fundação Casa (esta última, em parceria com a Ação Educativa); Participou do Tribuna Hip Hop no Quilombaque , ao lado dos pioneiros King Nino Brown, Sharylaine e Tcheba Zoom, também do Festival Internacional Essência, entre outras participações. Hoje é um dos artistas no quadro de equipe da marca brasileira Urgh e foi indicado para a segunda fase do Prêmio Mundo da Rua de Hip Hop.



As artes produzidas foram: dois bombs dos aracnídeos, de caráter free style puro, ou seja, de improviso, um painel coletivo que contou com a participação dos brasileiros Vespa, Stam e Lelin e outro painel pintado apenas pelo Bonga e o parceiro Vespa. "Dois painéis resolvidos e finalizados em um dia corrido, muito corrido (risos) e com um pouco de falta de estrutura que tivemos. Mas, foi um resultado satisfatório", afirma.

Morador de Caieiras há 30 anos, desde 1996 empenha-se no mundo da intervenção artística e vem conquistando respeito em países como Chile, Canadá, França, Bélgica, Itália e Equador, sem contar nos estados brasileiros como Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Bahia, Distrito Federal, Paraná, Rio Grande do Sul e Sergipe. Quanto a experiência adquirida em Quito: "o Equador é um país em crescimento e desenvolvimento e está 'dolarizado', assim como grande parte da América do Sul, incluindo o Brasil. Percebo que algum tempo a América Latina estará virando a mesa e nossa reestruturação estará preste a acontecer. Não tem ninguém bobo no mundo e nem ingênuo como nos filmes de Hollywood. Segura, estamos chegando.", conclui.

Saiba mais: originalbonga.blogspot.com.br

o de São Paulo para o mundo





MC GRA

JOGO SÓ ACABA QUANDO TERMINA

Por Lívia Mello

Nascida em Rio Preto, Mc Gra é hoje uma mulher que pertence ao mundo, dividindo-se entre sua cidade natal, São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis para realizar seu trabalho. A cantora é influenciada por uma ampla diversidade musical que vai desde a MPB até o RAP, passando pelo Reggae e Rock. A música sempre fez parte de sua vida, formou-se em violão aos 12 anos, ainda na adolescência participou de uma banda de punk rock e em 1999 foi convidada para participar de um evento da Cultura Hip Hop. Foi a partir daí que se identificou com o estilo e formou o grupo Poetizas, sendo indicada ao prêmio HUTÚZ em 2004. Quatro anos mais tarde, começou a carreira solo como Mc Gra, sendo inserida no mercado nacional por renomados produtores da música negra. A Mc, que aborda temas atuais em suas letras e possui uma voz marcante, é hoje uma das maiores revelações do rap nacional.

Em outubro, lançou seu primeiro disco O Jogo Só Acaba Quando Termina que conta com a produção de grandes nomes do rap nacional jamais vistos em um mesmo trabalho, como KI Jay, Dj Hum, StereoDubs, Luiz Café, Buguinha DUB, Jimmy Luv, entre outros. O lançamento de seu disco ocorreu oficialmente na Matilha Cultural; em novembro, lançou o single A Pegada produzido por StereoDubs no bar e antiquário Caos (localizado na rua Augusta em SP); em dezembro, foi jurada da final do evento SLAM-SP no Sesc Pompéia, onde também fez o lançamento de seu disco. Através de Lei Di Dai participou da festa Jameika em Limeira ao lado do mestre KI Jay, lançou seu disco no Milano em Ipanema no Rio de Janeiro. Como presente de Natal para seus fãs, Mc Gra deixou disponível para download o novo single Volta ao Mundo produzido por Luiz Café.

Conversando com Mc Gra a cantora nos contou um pouco mais sobre seu disco.

Como foi o processo de produção do disco?
O disco levou dois anos para ser produzido, teve seu lançamento oficial na Matilha Cultural em São Paulo. Pra mim foi um dia inesquecível na companhia de pessoas que amo e admiro. Pra fechar o ano com chave de ouro fomos para minha terra natal, estou muito feliz!

Que mensagem você procura transmitir em suas músicas?
Minhas letras são como fotografias, registram momentos, lições, pensamentos que marcaram a ponto de precisar ir pro papel.

Quais são os planos para 2013?
Continuar a luta para levar a mensagem desse trabalho recém lançado. Estudar e ouvir muita música, fazer música, amar, trabalhar, quem sabe não nasce outro disco? (risos)



COMPRE ONLINE:

SWAG STORE



AS MELHORES MARCAS EM UM SÓ LUGAR

WWW.SWAGSTORE.COM.BR





TATTOO: O TALENTO DE DIB

Por Elaine Mafra

Aos 16 anos a paixão pela tatuagem contagiou o jovem Gustavo Dib, que teve no incentivo da mãe o impulso que precisava para iniciar a sua carreira. Os primeiros passos no mundo da tatuagem começaram no estúdio Art de Rua, em Itajaí/SC. Foi lá que o tatuador Zé viu que o talento de Dib não poderia ser desperdiçado. No início Dib apenas fazia os desenhos, mas não demorou para começar passar seus traços para a pele das pessoas. "O Zé me ensinou as manhas da tattoo e devo bastante a ele", relembra em tom de agradecimento.

Antes mesmo de ter contato com a tatuagem os traços de Dib enfeitavam os cadernos e qualquer papel que estivesse em seu caminho. "Sempre tive uma pré-disposição para o desenho. Eu adorava desenhar e pintar os quadrinhos e filmes da Disney. Eu pausava os filmes para copiar os personagens", declara Dib. A cada novo esboço a arte se aprimorava e hoje seus desenhos chamam a atenção pelos detalhes. Dib é natural do Rio de Janeiro, mas desde os 13 anos mora no litoral Norte de Santa Catarina. Atualmente, ele divide um estúdio em Balneário Camboriú com a companheira e também tatuadora Jéssica Lopes.

O trabalho de um tatuador vai muito além da técnica, é preciso também presença de espírito para ajudar os indecisos a escolherem o tema. "Eu auxilio na escolha, mas quem determina o desenho é o cliente. O que às vezes é difícil porque têm pessoas que são muito indecisas, querem tatuar mas não fazem ideia do tema e esse é o lado complicado da profissão", explica. Mesmo com o empenho do tatuador para que os clientes não façam escolhas erradas, em alguns casos não adianta argumentar, com oito anos de profissão Dib já fez alguns trabalhos inusitados. "Já tatuei a assinatura da Stefhany Absoluta e a logo do Michel Teló", revela Dib.

As técnicas e os materiais especializados para a tatuagem evoluíram muito nos últimos anos e com isso a cada dia encontramos trabalhamos mais perfeitos. O tatuador Dib é ainda mais ótimista em relação ao futuro da tatuagem. "O fácil acesso as informações e a materiais de qualidade contribuíram para essa evolução e daqui para frente só tende a melhorar. Hoje não precisamos mais fazer as tintas nem soldar as agulhas e com isso sobra mais tempo para nos dedicarmos a arte", comenta.

Se você esta pensando em fazer a primeira tatuagem ou já tem alguns desenhos no corpo e tá a fim de uma nova tatto tenha muito cuidado na escolha do profissional. Tatuagem é para vida inteira, então não dá para simplesmente fazer uma pesquisa de preços e escolher o mais barato. Analise os trabalhos já realizados pelo tatuador e se certifique que os materiais são esterelizados ou descartáveis.




HOMEWARD
Dib
Tattoo.
Balneário Camboriú - SC.
Rua: 1600 nº 2300 sl 05
Dib-Tattoo
dibtattoo@hotmail.com
(47) 3056 - 7785

CONEXÃO BOSTON

Por Elaine Mafra | **Fotos** Divulgação

O sonho de trabalhar nos Estados Unidos, ganhar em dólar, ajudar a família e garantir um futuro mais tranquilo rodeia o pensamento dos brasileiros há décadas. Um sonho arriscado onde muitos tentam entrar ilegalmente e acabam morrendo no caminho, outros ultrapassam a fronteira e descobrem que a vida lá fora também pode ser muito sofrida. Poucos são os que conseguem se estabelecer e construir uma história, como é o caso do rapper Mano Branco Boston, que há 18 anos abandonou as ruas de Recife para tentar a vida na América do Norte. Mesmo morando em outro país o amor pelo Brasil e a preocupação com os brasileiros só aumentou. O rapper de Pernambuco é filho de americano e conseguiu com facilidade o visto para entrar nos Estados Unidos, mas viu de perto vários casos trágicos onde o sonho se tornou pesadelo e por isso está coordenando um projeto de conscientização sobre os riscos de tentar entrar ilegamente. Confira abaixo um bate-papo com Mano Branco Boston.

Qual o objetivo do documentário que você esta produzindo?

Mano Branco Boston: Quero salvar vidas, evitar que brasileiros sejam enganados por coiotes e morram na ilusão de que nos Estados Unidos tudo é perfeito. Muitos nem conseguem passar, morrem no caminho e são deixados para trás. Mulheres são estupradas, homens são roubados e quem não sabe nadar morre afogado na travessia de um grande rio que separa o México dos Estados Unidos. Quem consegue entrar vive de forma ilegal e não pode nem tirar uma carteira de motorista, o que dificulta ainda mais e muitos nem conseguem um emprego. Vamos entrevistar pessoas que passaram por isso, que perderam amigos e parentes tentando entrar. São muitas histórias, muitas frustrações, mas com isso queremos chamar a atenção para que outros não cometam a mesma insanidade. Ainda estamos coletando as entrevistas, por isso não temos previsão de lançamento.



BRASIL



O seu envolvimento com o RAP começou enquanto ainda morava no Brasil?

Mano Branco Boston: Eu nasci e fui criado na periferia de Recife e lá a trilha sonora era o RAP, mas foi quando ouvi pela primeira vez "O homem na estrada", de Racionais MC's, que a minha vida se transformou. Foi através dos versos de Mano Brown que eu descobri que poderia expor minha opinão, cantar minha esperança e frustrações. Aqui em Boston continuo acompanhando tudo que é lançado no Brasil, ouço muito Racionais MC's, A Família, Dexter, entre vários outros.

São Paulo vive um guerra

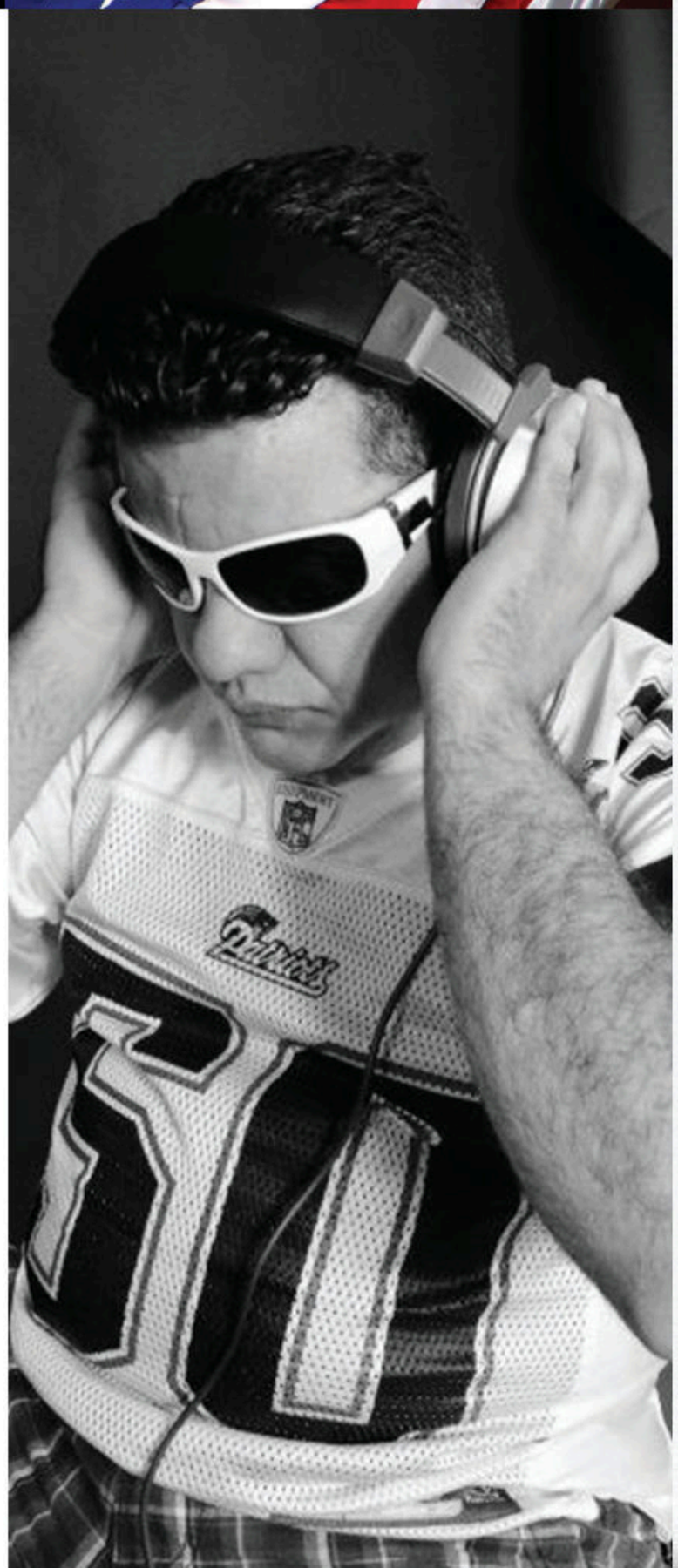




não declarada, onde a polícia tem matado inocentes, principalmente negros e pobres. Essa questão tem repercutido em Boston?
Mano Branco Boston: Eu acompanho o dia a dia no Brasil e estou chocado com o que vem acontecendo em São Paulo. Não que o fato de policiais matando pessoas inocentes seja novidade, mas agora tomou uma proporção muito grande. Eu nunca vou deixar de lutar contra a violência que a polícia trata os negros e os pobres, inclusive esse tema foi abordado na música que gravei com o grupo Negrociação, de Florianópolis. Aqui o trabaho da polícia é muito diferente, eles respeitam a população porque é muito fácil um policial ser afastado da corporação. Eles abordam as pessoas com dignidade, até porque o direito das pessoas ilegais é o mesmo dos cidadões americanos.

Você citou uma música que gravou com o Negrociação, esse som faz parte de algum disco?
Mano Branco Boston: A música faz parte do projeto Conexão Brasil x Boston, que reúne alguns talentos do rap brasileiro, como Preto Cria, Alemão, Preta MDA, Negrociação, entre outros. Tem também os que moram em Boston, que são: Mister Z, Rafa MC, Renato de Deus, Mensageiro Anonimo , MC Mortão, MC Fidel e alguns outros que não lembro agora…

Qual recado você deixa para os brasileiros que ainda sonham em viver nos Estados Unidos.
Mano Branco Boston: Não compensa arriscar a vida para tentar entrar. Se for para vir que seja de forma legal. Porque é impossível que algo que comece errado dê certo no final. Existe também o perigo de pessoas perderem a vida e isso é o que mais me incomoda, é por isso que estou empenhado nesse documentário. Conheci o caso de uma jovem que foi abusada três vezes e depois jogaram ela e o filho de seis anos no rio e os dois morreram afogados. São casos que não viram destaque na mídia, mas precisam ser divulgados para que as pessoas tenham noção dos riscos.



Karol Conka, o Rap de salto alto e sorriso estampado

Ela chama a atenção pela voz e também pelo seu figurino, muita cor, brilho e um toque um urbano são as marcas da MC Curitibana, Karol Conka

Por Cristiane Oliveira | **Foto** Caroline Bittencourt

A ligação com a música vem de berço, por influência da família, Karol pode conhecer a boa MPB, o Rap passou a fazer parte de sua vida a partir do Fugges. Uma das marcas de Karol é a positividade, em suas letras o que é um reflexo de sua postura fora dos palcos "a minha positividade, ela na real, é consequência da minha filosofia de vida. Acredito na força do pensamento, gosto da sensação de felicidade e não sinto vergonha disso. Vivi e tenho muitos problemas, lógico, só resolvi não falar só disso, o que motiva essa atitude é a criação fantástica que recebi da minha mãe, sempre falando: "Sem drama, Karoline!". (risos)

De "Timbalada" à "Rihanna", fazem parte da playlist atual da cantora, essa rica mistura musical passa ainda por Kendrick Lamar, Santigold e Jackson do Pandeiro. Gosto refinado a cantora também tem quando o assunto é moda, a famosa grife Espanhola "Zara", as marcas Farm, Adidas, Sallve e Absurda são as preferidas da MC.

O papo fica mais sério quando falamos das deficiências enfrentadas pelo rap, falta de profissionalização técnica e administrativa são para Karol as principais lacunas que ainda faltam serem preenchidas no Rap, "Vejo muita gente querer ser Mc, Beatmaker, Dj, etc., poucos querem ser e estudam para produção musical, produção executiva, produção artística, técnico de som, técnico de luz, são profissões fantásticas e fundamentais no Rap", explica.

CARREIRA

O ano de 2012 foi um ano de conquistas profissionais importantes na carreira da cantora, entre alguns feitos destaca-se a oportunidade de ser a primeira representante do Rap Nacional a ocupar o palco do Teatro Paiol, tradicional espaço de cultura da capital Paranaense. Fundado em 1971, até então avesso ao Rap, o elitizado teatro se rendeu aos encantos da MC em duas apresentações com a casa cheia onde a anfitriã recebeu Kamau e Emicida para enfim legitimar o Paiol como um espaço de acesso popular.

Para 2013 muitos são os projetos "Já no começo do ano, em Março, vou lançar meu primeiro disco "BATUK FREAK", estamos em fase do projeto do clipe do single, a faixa "Gueto ao Luxo" e no momento estou gravando meu primeiro longa, vou atuar no filme "Jonas e a Baleia" dirigido por Lo Politi", conta Karol.

SALVE

Se liberta do pré conceito Brasil! O que se pensa o universo devolve, viva sem medo de ser feliz!!

Pedro Gomes

Texto Mandrake | Fotos Divulgação

Pedro Gomes vem inovando a cena do audiovisual, dentro da cultura Hip-Hop brasileira, desde 2007 quando resolveu fazer um filme documentário sobre a rima de improviso. Daí saiu o premiado "Freestyle: um estilo de vida". De la pra cá, vem lançando os mais inventivos clipes do rap nacional. Desde "É o Moio" do Pentágono - considerado por muitos, o ponto de virada dos clipes nacionais (a partir desse momento os grupos viram que era possível fazer um bom trabalho de forma independente). Passando pelo "Monstrão" do Gueto Organizado - vídeo dividido em 3 telas e sem nenhum corte, "Quero Ver Segurar" do Rashid - que concorreu ao VMB da MTV e terminando no "Lembranças" do Pentágono - projeto feito todo em motion graphics. O artista da periferia de São Paulo não para por aí, confira o bate-papo que tivemos com ele.









e a arte do videoclipe

1 O que você acha da cena atual dos clipes de rap?

Pedro Gomes: Acho que vivemos o melhor momento de criação que o rap brasileiro já viu, pq agora os realizadores "somos nós mesmos", não precisamos pagar nenhum diretor de fora. Temos excelentes realizadores aqui dentro da cultura hip-hop. Alem disso, o rap de forma geral vive um bom momento de publico, uma boa renovação, o que faz com que os clipes sejam vistos por milhares de pessoas e atinjam números de muito sucesso. E, da quantidade tiraremos muito qualidade.

2 Vendo o seu portifólio, é fácil notar uma grande pluralidade entre seus vídeos, ao que se deve isso?

Pedro Gomes: Gosto muito de cinema e publicidade. Assisto muita coisa, busco referencias em muitos lugares diferentes, como quadrinhos e desenho animado, por exemplo. Não gosto de me repetir, prefiro estar sempre em constante movimento para o novo, por isso, o meu próximo filme será muito diferente do anterior. Opto por estar longe do lugar comum, isso me prejudica em alguns momentos – as vezes os grupos querem o clipe "igual" ao do artista que esta em evidência, como se fosse uma formula de sucesso. Isso eu não topo de forma nenhuma. Gosto de criar.

3 Como é seu processo criativo?

Pedro Gomes: Ouço muito a musica do clipe, muito mesmo. Depois converso com o artista e pego as idéias dele, acrescento as minhas, busco referencias e tento juntas coisas antagônicas. Apos, essa etapa, sento e escrevo o roteiro, sempre pensando no limite do orçamento. Pois, tenho que pensar um projeto que caiba dentro da grana que o artista tem para investir.







DOCUMENTÁRIO E OUTROS LANÇAMENTOS MARCAM 10 ANOS SEM SABOTA

Longa traz depoimentos de familiares e amigos e registros inéditos do Maestro do Canão

Por Alexandre De Maio - Edição Camila Passetti

Considerado um dos principais nomes da história do rap brasileiro, Mauro Mateus, mais conhecido como Sabotage, foi assassinado em 24 de janeiro de 2003 com apenas 29 anos de idade.

Apesar da rápida trajetória, Sabota rompeu as barreiras e os preconceitos do rap, atuou no cinema e deixou sua marca. Entretanto, além de alguns fragmentos na internet e as participações no cinema, não existe qualquer conteúdo ou registro oficial que conte a história do rapper paulista. Nem ao menos um álbum póstumo.

A boa notícia é que, após uma década de sua morte, está previsto ainda para este ano, o lançamento do documentário "Sabotage – Maestro do Canão", do diretor Ivan 13P.

Os primeiros registros para o longa surgiram em 2002, quando Ivan entrevistou Sabotage para o documentário "Favela no Ar". Meses depois, o rapper foi assassinado e a entrevista foi usada no curta-metragem intitulado "Sabotage", lançado em 2004. O filme inspirou o diretor a trabalhar numa produção mais completa, que resultou no longa-metragem, agora em fase de finalização.

Nomes como Mano Brown, Rappin Hood, Sandrão, Helião, Bomba, Thaide, Ganjaman, Paulo Miklos, Hector Babenco, Beto Brant, Dalva, esposa de Sabotage, e seus filhos Wanderson e Tamires mostram a importância do artista e como Maurinho – como era chamado pelos amigos e familiares – era no dia a dia.

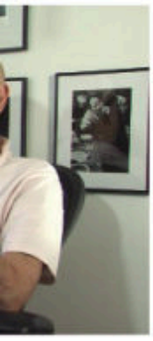
Além de apresentar a vida musical e cinematográfica do Maestro do Canão, já conhecida publicamente, o filme ainda traz depoimentos inéditos de sua família, que revelam sua relação com o pai e sua adolescência. A ligação de Sabotage com a própria morte também é evidenciada. Frases marcantes como "Eu poderia morrer amanhã porque minha parte eu já fiz", ditas pelo rapper e registradas pelas câmeras, dão a entender que ele já previa um fim próximo.

Mas por mais que Sabota acreditasse que sua missão estava cumprida, a sensação que fica é que presenciamos só o começo de uma grande história interrompida violentamente.

"Sabotage é um dos artistas mais completos do cenário nacional. Ele tinha um potencial enorme e infelizmente não teve tempo para mostrar isso. Vejo ele como o maior ícone do hip



Acima: Wanderson (filho do Sabotage), Ivan, (diretor) e Paulo Miklos (Titãs).
Abaixo: Mano Brown
Direita: Ilustração de Alexandre De Maio para abertura do documentário .



Dalva, esposa do Sabotage, em depoimento para o doc, Sabotage e o diretor Hector Babenco (Carandiru).

Página oficial no Facebook:
www.facebook.com/sabotageomaestrodocanao

"VEJO ELE COMO O MAIOR ÍCONE DO HIP HOP NACIONAL. SEU TALENTO FOI ALÉM DO RAP."
IVAN, DIRETOR

hop nacional. Seu talento foi além do rap. Ele faz muita falta para a música nacional, e tenho certeza de que iria surpreender muita gente com seu talento", afirma Ivan.

O diretor se dedicou durante anos de forma independente para finalizar o filme e conta que, por Sabotage se tratar de uma figura lendária, a parte mais difícil foi distinguir as histórias verdadeiras das falsas.

Previsto para o primeiro semestre de 2013, o documentário "Sabotage – Maestro do Canão" é mais do que o registro histórico de um importante personagem da cultura brasileira. É também o registro do homem, de Mauro Mateus, de Maurinho.

"O filme foi realizado com muita dedicação. Ele é um arquivo único sobre a vida e obra do Sabotage. O documentário 'Maestro do Canão' mostra a singularidade musical desse artista que revolucionou o rap nacional e que, se não fosse assassinado, teria revolucionado a música brasileira. É um filme sério, mas com muito senso de humor, assim como foi o Sabotage", finaliza o diretor.

Dez anos após sua morte, o rapper ainda marca presença. Não à toa, ao lado dos discos de Edi Rock (Racionais), Sandrão (RZO), o lançamento do material do Sabota é um dos materiais mais esperados do ano. Além do documentário, um DVD com show em sua homenagem, o tão esperado álbum póstumo com músicas inéditas e um livro são os lançamentos previstos para 2013.

Para começar a escrever essa coluna, fui falar novamente com o rapper Sandrão (RZO) e relembrar as tardes que passamos na casa dele com o Sabotage. Sandrão era como um mestre samurai, que com paciência ensinava ao Maurinho tudo sobre rap, desde técnicas vocais até como se comportar no palco.

Me lembro que o Sabota admirava muito o Sandrão. "Eu curto vir aqui pra zona oeste, onde aprendo muito sobre rap. Aqui vocês respiram música", dizia ele.

"'Inferno em massa/Vem violentando a minha quebrada/Basta'. Essa é a rima mais foda do Sabota", me falou Sandrão. O rapper, que conviveu de perto com Maestro do Canão, relembra: "Para mim, o momento mais louco que lembro dele é no dia da gravação do videoclipe 'Um bom lugar', com ele cantando e abraçando as crianças da favela".



Sandrão (RZO)

SABOTA SERIA DO WU BRASIL

Sabotage lançou um único disco em sua carreira. O álbum "Rap é Compromisso" trouxe diversas referências do grupo americano Wu Tang Clan.

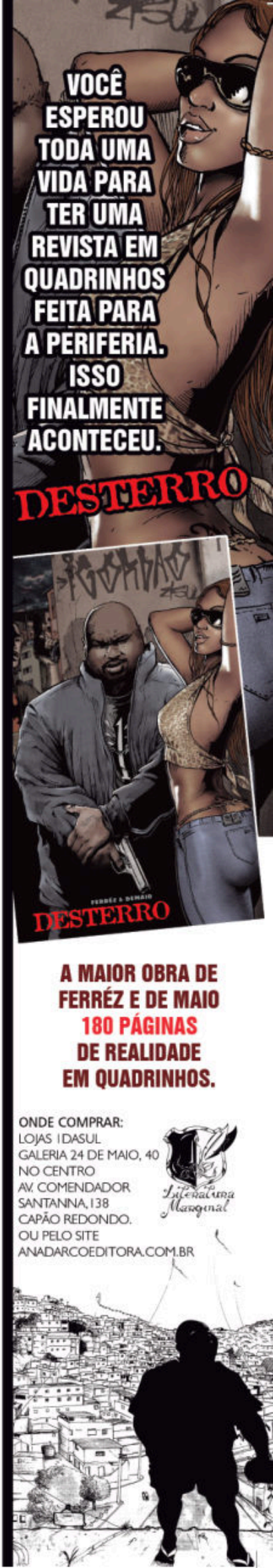
O nome Brooklyn Sul, que aparece inúmeras vezes no disco, é uma brincadeira com a música "Brooklyn Zoo" do Ol' Dirty Bastard, um dos nove integrantes do Wu Tang Clan. Além disso, estilo, batidas e técnicas vocais do grupo foram inspirações para Sabotage.

O tempo passou, e a admiração que a "rapa" do RZO e o Sabota tinham pelo Wu Tang Clan se tornou uma parceria efetiva, que reuniu Sandrão e o grupo norte-americano em diversas produções e projetos, levando todos eles a se apresentarem no mesmo palco. Com certeza, se Sabota estivesse vivo seria mais um membro da família Wu Brasil.

Sandrão continua na ativa e, com o fim do RZO, promete um álbum solo para este ano, além de participações no cinema.



ALEXANDRE DE MAIO, editei as revistas RAP Brasil, RAPNEWS e Graffiti de 1999 a 2009, atualmente faço jornalismo em quadrinhos na revista Fórum, dou aulas de comunicação em Heliópolis e sou sócio do site www.catracacalivre.com.br.





Por Elaine Mafra
Foto Divulgação

Poesia Samba Soul: a mistura de ritmos que deu certo

A banda tem a cara da periferia de São Paulo e há 23 anos embala a comunidade com suas canções. O repertório da Poesia Samba Soul mescla groove, samba soul, funk, samba rock e hip-hop. A proposta do grupo com essa mistura é sempre levar o talento da periferia a horizontes mais distantes. Inclusive, em 2010 fez uma turnê de três meses pela Europa e Colômbia.

O último disco da banda, que recebeu o nome de "Antes Soul do que mal acompanhado", contou com a participação especial de alguns nomes importantes do RAP NACIONAL, como Dum Dum, Jota Ariais, Smith-E, Gáspar Z'África Brasil e Kapoth MC. As letras da PSS trazem mensagens de incentivo e histórias do cotidiano, provando que é possível entreter sem tirar a atenção dos problemas sociais.

É da periferia de São Paulo, principalmente da Zona Sul, que vem a inspiração para as músicas da PSS. Como forma de retribuição e também para melhorar o lugar onde vivem, a banda desenvolve alguns projetos sociais. No "Periferia em Cena" eles promovem cursos de audiovisual para jovens da comunidade. Já o "Jardim Angela Music Festival" tem como objetivo desvendar talentos que existem na periferia e que muitas vezes não tem oportunidade para mostrar seu trabalho.

Para 2013 a banda prepara o DVD Poesia Samba Soul convida, onde o RAP marca presença e algumas músicas que participaram do CD ganham vídeos. Destaque a letra e interpretação de Dum Dum na faixa "Cidade da Garoa", onde ele canta o desespero de quem vê seu barraco sendo invadido pela água ou despencando morro abaixo. O refrão ganhou vida na voz de Patrícia, esposa de Dum Dum. No canal da banda no Youtube é possível assistir outros vídeos, como o de Smith e Arias.


UMDASUL
QUEM É
NÃO COMENTA
1DASUL



Quando o rap encontra a bossa, a MPB e a hibridização musical

Artistas do Rio de Janeiro misturam estilos e recriam a bossa, com rimas, ritmo e poesia

Por Jéssica Balbino

Quando a bossa encontra o rap: 'É um eclipse, é um encontro de paradoxos. É o óbvio. Porque os opostos se atraem'. O trecho da introdução do songbook – livro impresso com partituras e conteúdo referente às composições escritas pelo próprio músico - 'BossaRaps; JamSessions & Demotapes' do rapper Vinícius Terra, que representa um marco na fusão entre o ritmo autenticamente carioca com o ritmo e a poesia do rap.

Mas ele não é o único. O movimento ganha força no entorno da cidade maravilhosa e há também a banda 'Quebrando o Protocolo', famosa por mesclar o rap às releituras de MPB, Bossa Nova e Samba.

E os ineditismos não param por aí, além de cantar o melhor do ritmo derivado do samba com influência do jazz e que marcou a música popular brasileira no final dos anos 1950, Vinícius Terra é também o primeiro rapper a lançar um songbook em língua portuguesa.

ALVARÁ DE LICENÇA PARA A BOSSA RAP

Aos 31 anos, o músico, que é também professor de literatura, considera-se um cidadão do mundo, ao transitar por eventos em favelas do Rio Janeiro até os jazz clubs em Paris. Nascido no município de São João de Meriti (Baixada Fluminense) e criado no subúrbio de Pavuna – bem distante dos cartões postais que estampam o turismo carioca – Vinícius sempre esteve ligado à música e às composições e orgulha-se de ter recebido, aos 11 anos, uma bolsa de estudos após vencer um concurso de redação promovido por um jornal. Orgulha-se também de ter ajudado no orçamento doméstico e ter herdado, da separação dos pais, o acervo em vinis de bossa, samba e Black Music.

A proximidade com a bossa nova vem daí. Ao criar os próprios 'loops', o músico recorria ao estilo e de maneira artesanal: gravando o instrumental em uma fita k-7 e repetindo colando um após o outro, conseguia beats diferenciados para as próprias composições. "A bossa nova sempre me encantou por sua sofisticação. Aquele lance de poucas notas musicais e letras certeiras. Curiosamente foi o primeiro estilo que impulsionou o olhar do mundo para a música feita no Brasil. Às vezes penso que meu subconsciente buscava a bossa nova por reportar a minha infância, quando eu brincava no quintal de casa e ouvia o som daqueles discos, quando eu ainda tinha uma família constituída", lembra.

Daí pra frente, entre eventos na periferia, oficinas que mesclam rap e literatura, grandes eventos por meio de grandes parcerias e uma turnê pela Europa para apresentar o rap bom a Bossa Nova, o músico recria-se e revela como foram concebidas cada uma das 10 composições do álbum, em formato bastante intimista e com experiências híbridas.







Durante os dois anos em que esteve na Europa, passou por países como Portugal, França, Áustria e Inglaterra e além da música, expandiu contatos para países latinos como Uruguai, Colômbia, Argentina e Chile, o que rendeu participação em debates e workshops sobre a produção cultural nas favelas do Rio de Janeiro. "Constitui conexões e amizades que até hoje rendem frutos que me tornaram ainda mais brasileiro e me motivam a lutar por mudança. Sempre me preocupei em levar o rap além dos ouvidos já acostumados a ele. É preciso estar além dos guetos e de nossa geração. É preciso chegar às mentes dos idosos e das crianças ao mesmo tempo. Temos um estilo musical rico em ritmo, rima e métrica. É preciso quebrar o paradigma de que o rap é uma música menor. Pelo contrário: somos sofisticados porque unimos uma das modalidades mais antigas de informação, que é a história contada em versos à tecnologia", resume.

Para o rapper, trabalhar a vertente do saudosismo é algo que veio naturalmente. "Na época em que surgiu a bossa, havia uma ingenuidade muito latente no que diz respeito à evolução do nosso país e o Rio de Janeira era a principal vitrine. Hoje somos uma superpotência, mas com uma desigualdade social ainda gritante e confrontar esses dois 'Brasis' nos versos é um exercício que me atrai liricamente. E hoje temos o hip-hop cada vez mais genuíno e forte como cultura nacional, ou seja, por que não dialogar com outras culturas? Por que não usarmos essa ferramenta em prol do nosso povo?",questiona.

E foi assim, de uma conversa com o amigo e músico Santoz veio a ideia de fazer o songbook, que reúne não apenas as partituras, mas a ficha técnica de cada rap, que traz trechos de gravações anteriores somadas às novas versões, sintetizando o rap por meio da intertextualidade. Além disso, cada track tem uma história diferente, que ganham vida ao click do play no disco.

QUEBRANDO O PROTOCOLO

Assim mesmo, sem pedir licença. Sem seguir as regras. Quebrando, literalmente, o protocolo da vida. Surge, da Baixada Fluminense a banda que fugir das regras e uniu músicos do rap, da Black e da soul music, do rock e da MPB, inovando no gênero 'Música Pra Balançar'.

Em uma parceria com o músico, também da Baixada Fluminense, Petter MC, os músicos chegam com refrões consagrados nas vozes de artistas como Sandra de Sá, Seu Jorge, Djavan e Tim Maia, interpretados na voz de Jefferson Santos e acrescidos das rumas de Adson Andrew.

E é ele quem dá a letra da novidade musical. "Quando você nasce com tudo contra: pobre, em um ambiente negativo e cresce em uma área dominada pelo tráfico, você tem tudo para ser mais um, pois o homem é produto do meio em que vive, mas, para contrariar e quebrar o protocolo, fizemos diferente, fizemos arte. Nossa arma é a música, que é diferente das outras. Somos ecléticos e curtimos desde a bossa nova ao rock mais pesado", enfatiza.

A mistura de ritmos deu certo e a banda lançou o álbum 'Peço um Momento!', acompanhado do videoclipe 'Parque das Palmeiras'. A consagração chegou com prêmio 'Hip-Hop na Estrada', realizado em São Gonçalo (RJ).

Questionados sobre o novo estilo, o grupo resume: "Nos sentimos livres para criar. O rap é um pedaço desse grande bolo musical e como gostamos muito do gênero, misturamos vários temperos para dar mais sabor".

Apesar do pouco tempo de existência, a banda formada por Adson Andrew (vocal), Jefferson Santos (vocal), Luís Messias (backing vocal), Bruno Gomes e Rodrigo Moraes (violões e guitarras), Rerisson Luz (contra-baixo) e Caio Vinícuis (bareria), já acumula no currículo apresentações em diferentes festivais do Rio de Janeiro e uma turnê por São Paulo.

Para 2013, pretendem investir em mais dois videoclipes e preparam o festival 'Detonando na Baixada'. "Almejamos fazer nossas mensagens chegarem até as pessoas, sem hipocrisia. Seja pelo rádio, pela TV, pelos meios impressos, pela internet, pelo sedex, não importa", finalizam.

SERVIÇO – O songbook 'Bossa-Raps; JamSessions & Demotapes' do rapper Vinícius Terra está disponível para download, bem como o disco que o acompanha. Para saber mais, acesse o site Rap Nacional (www.rapnacional.com.br) e encontre links para baixar o projeto.





E.T.A.: Pioneiros do rap catarinense se unem em novo grupo

A cena do RAP catarinense tem agora mais um excelente representante. O grupo E.T.A. é formado por experiêntes músicos que ajudaram a desbravar os caminhos do RAP em Santa Catarina e que têm mais de dez anos dedicados ao hip-hop. O E.T.A. é formado por Janaina, do grupo Palavra Feminina, Minela, do Palavra de Honra, Ismael e Tiago, ambos do Manifesto.



O nome E.T.A. significa Exército dos Trabalhadores Armados e foi escolhido pela alusão entre dois outros significados. ETA 2 é a Estação de Tratamento de Água, de Blumenau, que abastece o bairro da Velha, onde todos os integrantes moram. E ao extinto grupo revolucionário marxista -leninista, da Espanha, que também se chama E.T.A. e tem como símbolo o machado e a serpente.

A proposta do E.T.A. é apresentar músicas com letras contundentes, carregadas de protesto e com cunho denunciador. O primeiro single do grupo é "Predestinado", que estreou na net em janeiro, já com videoclipe. Esse é outro diferencial que o grupo promete manter, todas as músicas serão lançadas com o videoclipe, sempre produzido pela Porão Vídeos.



MANIFESTO

O grupo é formado por João, Tiago e Ismael, sendo que os dois últimos integram também o E.T.A.

O Manifesto é o grupo pioneiro em Itajaí/SC e tem mais de 15 anos de carreira. Nesse período lançou quatro discos: "Escola Sem Livros", "Ainda é Tempo, "Fé no Bem" e "O mal nunca dorme". O Manifesto lançou também o DVD "263" e tem diversos videoclipes no Youtube.

PALAVRA FEMININA

Formado por Janaina e Isabela, é o primeiro grupo só de mulheres do estado de Santa Catarina. O grupo tem uma trajetória de 16 anos e já lançou dois CDs: "Justiça e Liberdade" e "Filhos do Brasil", além de diversos videoclipes. O Palavra Feminina integra a banca Família C, da qual Janaina é a produtora musical e áudio-visual.

PALAVRA DE HONRA

Além de Minela, que integra o E.T.A., o grupo é formado também por Zezo e Nessa. Esse é um grupo pioneiro da cidade de Blumenau/SC e começou a carreira em 1997. O Palavra de Honra já lançou três CDs: "Quadrilha da Rima", "Buscar o Amor" e "Fator Realidade". O grupo também integra a banca Família C e já participou da organização de diversos eventos.



O talento e a melodia de Terra Preta

Foto Aline Constantino

Uma voz doce, capaz de conquistar ouvidos e corações. Uma afinação impressionante e a pinta de cantor de R&B com uma rica bagagem esboçada no mundo hip-hop e trilhada com liberdade misturando diversos ritmos musicais. Este é Terra Preta, que não é um novo artista da música negra brasileira, mas somente agora começa a trilhar um caminho mais sólido.

O fruto dessa estrada acaba de ser colhido, é o disco "Homem Figa Vol. 1", terceiro álbum de Terra. "Não é meu primeiro trabalho, mas é neste disco que consegui mostrar uma versatilidade que estava em busca há anos e estou muito feliz com o resultado de meses de dedicação e amor", relata o artista. O disco tem 10 faixas e foi produzido pela dupla StereoDubs, formada por LX e Léo Grijó. Com participações especiais de Jr. Dread e Rincon Sapiência.

Trajetória

Arithon Felipe, mais conhecido como Terra Preta iniciou sua carreira com um grupo de rap, mas logo partiu para uma aventura solo e, por conta da sua aproximação – pelo gosto musical, referências e amizades – participou de diversos trabalhos com rap.

Vencedor da edição 2008 do programa Astros (SBT), Terra Preta já fez participações em programas como Central da Periferia (TV Globo) e "Som Brasil" (TV Globo). Em 2010, o cantor lançou o single "Não Chore", que teve execução em rádios do interior do Brasil. Em dezembro do mesmo ano, a mixtape "Milionário em Treinamento" reuniu, pela primeira vez, os dois estilos que consagraram o nome de Terra na música negra: rap e R&B. Com 22 faixas, a mixtape contou com participações de Projota, Thaíde, Cabes, Sequelle e produção de Laudz, Nave, Nel Sentimentum, Raul Guimarães e DJ Said. A faixa "Crises" ganhou videoclipe em janeiro de 2011. Em seguida foi a vez de "A Guerra II" (parceria com a banda Delittus) e "Bom Ter Você" ganharem clipes.

O EP "1987", que resgata o início do Hip Hip, ganhou a internet e as ruas em julho de 2011. Mesmo mês que de lançamento do single "O Gueto é Fantástico", em parceria com o rapper Don L. e o produtor Skeeter. O ano de 2012 também foi marcado pela sua participação na turnê Boogie Naipe, ao lado de Mano Brown, Ice Blue, Negra li e Seu Jorge. Para 2013 Terra Preta promete muitas novidades.




MARKONE
TATTOOGRAFF
www.markone.com.br
(11) 99817.0220
SÃO PAULO - BRASIL


CONE ISLAND - BROOKLYN, NY DEZ/2012



O TALENTO E A SIMPLICIDADE DE GANJAMAN

Entrevista: Toni C. **Foto:** Fernando Martins Ferreira

Nesta entrevista exclusiva o exímio produtor musical Daniel Ganjaman fala sobre sua trajetória, o envolvimento com o RAP NACIONAL, a parceria com Criolo e a honra de ter convivido com Sabotage. Aproveite cada uma das 17 respostas, todas são recheadas de conhecimento e história.

1 Como iniciou sua paixão pela música?

Sou apaixonado por música desde que me conheço por gente. Meu pai foi músico na década de 60 e sempre tive um ambiente musical em casa, com discos e alguns instrumentos. Comecei a estudar teclado aos 6 anos de idade e dali para frente, meu envolvimento com música só cresceu.

2 Quando e como Daniel Sanches Takara se tornou Ganjaman?

Mano, isso foi muito por acaso. Eu costumava tirar um som com alguns amigos meio no improviso, isso em meados dos anos 90. Sempre fui colecionador de vinil e nessa época já frequentava sebos e lojas de discos com esses meus manos. Foi num desses rolês garimpando discos que o Jackson (MC gaúcho que produzi "O Som do Diamante") achou um disco do Lee Perry que a primeira música do lado A chamava "Daniel" e a primeira do lado B "Ganjaman". Lendo corrido ficava Daniel Ganjaman, daí ficou.

3 Helião e Negra Li, Marcelo D2, Planet Hemp, Sabotage, Criolo, Racionais, Seu Jorge, Instituto entre outros projetos. Você é o Dr. Dre do RAP NACIONAL?

Isso aí é você que tá dizendo! O Dre é um mestre e uma grande influência para mim, mas eu não me vejo como um produtor específico de RAP, tá ligado? O RAP é provavelmente o estilo musical que mais me influência (ao



lado do Reggae), mas gosto da idéia de poder circular em todos os estilos musicais que tenho afinidade. Vivemos no Brasil, país que tem uma cultura musical muito rica, e isso sempre estimulou muito minha formação.

4 Como surgiu o Coletivo Instituto?

O Instituto começou com o Rica Amabis e Tejo Damasceno, meus grandes parceiros de longa data. O Rica lançou um disco solo dele em 99, o "Sambadelic" pelo recém inaugurado selo da produtora de áudio que eles trabalhavam, a YB. Depois de lançar esse disco, os dois começaram a trabalhar em um projeto conjunto e já tinham o nome de Instituto. Na época eu tava colando bastante com eles pois o "RAP é Compromisso" foi todo feito na YB e o Tejo também trampou no disco. Como a gente tava junto em outros projetos, eles me mostraram as faixas que estavam produzindo e fui dando palpite, gravando alguns instrumentos. Quando vimos, eu estava envolvido no disco todo e fui convidado a fazer parte do núcleo.

5 O que o RAP NACIONAL precisa para dar um salto musical?

Absolutamente nada! Na minha opinião, o RAP NACIONAL é um estilo próprio, com características extremamente originais e muito disso veio pela própria estrutura precária que sempre teve que lidar, trazendo superação e evolução no estilo. O peso de som como "Oitavo Anjo", do 509-E, ou de "Homem na estrada", dos Racionais, é completamente incomparável com qualquer RAP do resto do mundo. Se quisermos soar igual o RAP feito nos Estados Unidos, o máximo que vamos conseguir é ser uma boa cópia, e eu não vejo motivo pra isso.

6 Como você conheceu Criolo? Ele ainda era Doido?

Conheco o trabalho do Criolo Doido há bastante tempo, até pela atuação expressiva que ele sempre teve na cena Hip Hop Paulistana. Lembro de ter visto ele cantando ao vivo e de ter ficado muito impressionado com sua força no palco. Só fomos apresentados mesmo quando fizemos a primeira reunião do que viria a ser o "Nó na Ore-

lha", na Matilha Cultural, junto com o Marcelo Cabral, que me convidou para produzir o disco junto com ele.

7 "Nó na Orelha" é um disco surrpreendente segundo a critica especializada, ele também o surpreendeu?

Na primeira reunião, o Criolo começou a cantar algumas músicas, que inclusive entraram no disco, e fiquei muito surpreso, pois tinha ido encontrá-lo com a idéia de fazer um disco exclusivamente de RAP. Quando começamos a trabalhar em estúdio e o disco começou a pegar uma cara, tinha certeza que teria uma grande repercussão, mas nunca me passou pela cabeça tudo que aconteceu. Hoje, conhecendo o Criolo melhor e constatando o potencial que ele tem, fica mais fácil entender o porque desse estardalhaço todo. Se trata de um artista único, com uma força e sensibilidade que há muito tempo eu não via na música brasileira.

8 Vocês acabam de voltar de uma turnê pela Europa. Como foi a recepção, a repercussão e as apresentações. Enfim, o que vocês deixaram e o que trouxeram do velho continente?

Em 2012, fizemos duas turnês internacionais e passamos por Estados Unidos, Inglaterra, França, Portugal, Alemanha, Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suíça e Itália. Nessa última turnê, tivemos ingressos esgotados em alguns países, grande repercussão na mídia e ótima recepção de público. É uma espécie de recomeço, já que o Criolo não é tão popular como é hoje no Brasil, mas as coisas tem acontecido muito mais rápido do que eu imaginava. O "Nó na Orelha" foi lançado em toda Europa e Estados Unidos e temos escritório nos representando para shows no mundo todo. Já temos uma turnê na Europa agendada em 2013 e acredito que iremos chegar em alguns outros territórios que ainda não fomos.

9 Como você se relaciona com a crítica?

Muita gente acha que eu não aceito críticas ou que odeio jornalistas, o que não é verdade. Já toco fora do Brasil a muito tempo e isso me faz ter contato direto com o mercado musical do mundo todo. É triste ver como na maioria, a mídia no Brasil é preguiçosa, tendenciosa e incompetente, especialmente nos grandes veículos. É claro que tem gente muito boa trabalhando, mas por considerar o papel de um crítico musical muito importante, faço questão de denunciar quando um trabalho mal feito vem a público. Como são poucos os que denunciam e a maioria tem receio de criar inimizades, fico com essa fama de não lidar bem com críticas, mas não é bem assim.

10 Como você conheceu Sabotage?

Conheci o Sabotage via Zé Gonzales e Mano Brown, já na ocasião de produção do disco "O RAP é Compromisso". Já tinha visto algumas aparições dele com o RZO, mas só fui conhecer o trabalho dele mais a fundo quando entramos em estúdio.

11 Como foi produzir o disco "O RAP é Compromisso"?

Ter convivido com o Sabotage e toda banca do RZO durante esse processo de produção foi uma honra muito grande para mim. Foi o primeiro disco cheio de RAP que produzi e poder dirigir o Sabotage foi uma experiência única, de muito aprendizado. Sem dúvida, ele é um dos melhores MCs que eu já trabalhei e não consigo imaginar em que patamar ele estaria hoje em dia, se não tivesse sido assassinado.

12 Você lembra alguma história divertida junto com Sabotage?

Nos tornamos grandes amigos e passamos por várias situações engraçadas. Conviver com o Sabotage era sempre muito divertido e ele sempre se tornava centro das atenções onde ia, desde ambiente de cinema ou agência de publicidade até no boteco da favela. Acho que isso foi um fator determinante dele ter chegado onde chegou. Ele fazia novas amizades por onde passava e deixou muita saudade entre as pessoas que conviveu, mesmo que brevemente.

13 Como foi que soube da morte do Sabotage?

Recebi uma ligação muito confusa da produção de show dele as 6h da manhã e corri para o hospital, junto com o Rica e o Tejo. Quando chegamos lá, encontramos as pessoas que trabalhavam com ele, a esposa e os amigos Bola e Rafa. Quando falamos com o médico, ele nos passou que a situação era muito complicada e que não tivéssemos grandes esperanças. Para mim, não tinha caído a ficha do que estava acontecendo. Por volta de 9h20 recebemos a notícia do óbito e sem dúvida, foi a pior perda da minha vida.



14 O que ele significou para o RAP NACIONAL?

O Sabotage teve um papel muito significativo para a música popular brasileira, especialmente o RAP. Além de ser um dos melhores MCs que o Brasil já conheceu, o fato dele ter experimentado outras possibilidades musicais com o RAP foi essencial para esse mesmo entendimento nas gerações futuras, especialmente por ser um autêntico MC do gueto, sem nunca ter sido corrompido. Muita gente não percebe, mas o RAP se permitiu experimentar muito mais depois da passagem do Sabotage pela música, e não que ele tenha sido o primeiro a fazer isso. Ele trouxe uma nova possibilidade de canções e sambas com a essência do RAP embutido em seu jeito de cantar, algo que só poderia partir de um MC. Foi um momento único para a música brasileira e lamento muito que tenha sido tão breve.

15 Você produziu Uma linha do tempo de sua carreira com três palavras poderia ser: "Otto, Sabotage e Criolo". Concorda? Você percebe semelhanças entre esses artistas?

Percebo que sou um enorme para-raio de maluco, e dou graças a Deus por isso. São todos artistas muito talentosos e totalmente diferentes entre si, mas que tem a algo muito forte e expressivo em comum: a essência e a verdade no que estão fazendo. Me sinto abençoado!

16 O que será o disco póstumo de Sabotage? Tem nome? Quais são as faixas e participações?

O disco é um apanhado de material que ele deixou em vida. Na semana que ele faleceu, estávamos começando a trabalhar no que viria ser o disco novo. Ele foi no meu estúdio gravar na segunda, terça, quarta, quinta e faleceu na sexta. Depois disso, fiquei anos sem conseguir encostar nesse material e só fui mexer nisso quando apareceu mais faixas gravadas em outros estúdios, com outros produtores. Nós do Instituto reunimos esse material e vimos que era suficiente para produzir um disco cheio. Sobre as faixas e participações, o disco conta com produtores e MCs que estiveram presentes no trabalho do Sabotage em vida, mas decidimos não revelar mais nenhum detalhe até que o disco esteja 100% finalizado. Muito tempo se passou e por isso, algumas pessoas tiveram acesso ao material do disco. Algumas faixas vazaram totalmente inacabadas e por se tratar de um material tão complexo, achamos que seria mais adequado preservar as informações até que o disco seja finalizado, para evitar qualquer situação que desagrade a família. Tenho muito respeito pelos familiares do Sabotage e é para ser entregue na mão deles que esse disco está sendo produzido.

17 O que mais falta Daniel Ganjaman conquistar?

Muita coisa, Graças a Deus. Tenho 34 anos e já fiz muita coisa que me orgulho, mas tenho um caminho grande ainda pela frente e quero cada vez mais colocar o meu trabalho disponível para melhorias na cena musical e cultural do Brasil como um todo. Acho que muito pouco é feito nesse sentido e estou cada dia mais envolvido com pessoas que estão dispostas a trabalhar em função do coletivo. O grande problema é que a música no Brasil é vista exclusivamente como entretenimento e todos se esquecem da relevância cultural e o papel social que ela realmente ocupa. Isso é básico para o desenvolvimento, e está totalmente ligado a educação. O RAP certamente tem um papel fundamental nisso e quero poder colaborar e articular para o desenvolvimento da cena musical e cultural do nosso país o quanto puder.

Criolo, embaixador do Rap

Fotos: Junior Furlan | **Entrevista:** Paula Farias e Toni C. | **Apoio**: Renan Inquérito | **Texto:** Toni C. | **Fo**

Se você não conhece Kleber Cavalcante Gomes, "Ainda Há Tempo" o disco de estréia de Criolo Doido lançado em 2006 é um bom ponto de partida. Embora seja cada vez mais improvável que seus ouvidos desconheçam ao menos um dos hits de "Nó Na Orelha" o álbum elogiadíssimo pela crítica e músicos de diversos gêneros e gerações.

As vésperas da segunda turnê pela Europa, num dia chuvoso e frio a equipe da revista Rap Nacional se dirigiu para um bairro central da Consolação para nos encontrar com um dos maiores expoente da cultura periférica. "Tem esse lugarzinho que eu fico é de um amigo que estendeu a mão e me cobra metade do valor de mercado pra eu tá ai" explica ser um local de fácil aceso para conseguir atender os compromissos e sempre que pode retorno para o Grajau, em seguida ele emenda "Você me vê na capa do Batman, mas o cachê é de Robin" diz o garoto prodígio.

Recém eleito uma das 100 pessoas mais influentes do Brasil ao lado de figuras que vão de Eike Batista à Dilma Roussef. O que parece fazer Criolo transbordar de orgulho é quando alguém confessa: "Eu não ouvia rap, agora ouço, [...] agora deixo meu filho ouvir".

Logo chega DanDan, o time esta completo, fomos caminhando até a Ação Educativa, algumas quadras dalí. O cenário é familiar para Criolo e DanDan, palco das Rinhas dos Mc's sediado também em outros espaços pela cidade. No caminho, Criolo pede licença para pagar uma conta no caixa eletrônico do Banco, é abordado por um funcionário que exibe orgulhoso o vídeo no celular, sua sobrinha Gabriela de cinco anos cantando com a energia contagiante das crianças: "Poro-popo, Poro-popo, Poro-popo..."

Taí uma nova modalidade de assalto à agência: eles dispararam sorrisos, o alarme não tocou. Ao lado do banco o tiuzin do estacionamento nos comprimenta, eles batem uma bola rápida sobre o resultado do Corinthians. Pelas ruas do bairro de padrão elevado uma Fiorino fazendo entrega passa ao som de Grajauex, o mano abaixa o som apenas para saudar: "Tô ouvi aqui mano, trampando e ouvindo você." Criolo agrade, se vira para nós e diz: "Olha aí a nossa gente!".

"Parece que foi armado, - DanDan e Criolo brincam - nós combinamos com o pessoal pra fazer uma figuraçao" diz sorrindo. A dupla tem uma sintonia rara, se complementam como razão e emoção.

Pergunto ao Criolo se caminhar por aquelas alamedas arborizadas faz parte de sua história. "Caminhava por aqui para entregar curriculo".

"O Criolo ainda é doido" define DanDan.

Quem o conhece desde os tempos do Pacto Latino, afirma que ele não mudou nada. Seu primeiro grupo já surpreendia ao cantar em espalhol, se apresentavam fazendo pequenas esquetes de teatro no palco, com letras carregadas de novos temas como a latinidade. Criolo é um dos principais responsáveis em revelar uma nova safra de talentos, a Rinha de Mc's é uma verdadeira incubadora que projetou entre outros nomes Emicida, Projota e Rashid.

Vindo do mesmo bairro do grupo Facção Central, no extremo da zona sul, Criolo com mais de 20 anos de correria no Rap compôs sua despedida "Porque até que ponto os meus Rap's estavam contribuindo com alguma coisa?" se questiona.

Nó na Orelha é nada mais nada menos que 10 musicas "Eu cheguei com mais de 70 cancões". São 10 hits, "Cada dia era uma surpresa", 10 rítimos "Depois que os caras falaram pra mim 'Freguês da Meia Noite' é um bolero, depois falaram que essa roupagem para Bogota é um 'Afrobeat'." Mas não se enganem Nó na Orelha é o mais autêntico Rap Nacional.

Duvida? Então convido a revisitar a obra de Sabotage, assassinado há 10 anos, um dos pioneiro em rimar ao ritimo de Samba, Eletrônico e do Rock. Depois volte ao Criolo e encontre a crônica ceca do duplo assassinato em "Subirusdoistiozin", o relato do nóia na fissura da pedra em "Freguês da Meia noite", a denúncia cortante do tráfico internacional de drogas em "Bogata". Aí talvez seja possível reconhecer que onde houver um rapper produzindo arte, a atitude é Hip-Hop.

"Cientista social, Casas Bahia e tragédia. Gosta de favela mais que Nutrela"

Criolo é o encontro de linguas, mistura de raças, junção do traciocional com a novidade. O disco de despedida se tornou um novo ponto de partida onde Criolo destila uma estética que não deixa imune nem mesmo os mestres como Milton Nascimento, Caetano Veloso, Ney Matogrosso... "O dia que eu cantei João Bosco em pleno Teatro Municipal do Rio de Janeiro e João Bosco na platéia, depois ele fez um

ap Nacional

Fotos Dj Dan Dan: Alle Manzano | **Transcrição:** Dj Branco

elogio a minha interpretação de sua canção".

Cálise de Criolo é o grito daqueles que são exterminados nas madrugadas e somados nas estatística nas manhãs. A releitura da música de Chico narra um tempo de chumbo que insiste em rondar as bordas da cidade, Buarque improvisou:

"Gosto de ouvir o Rap, o Hip-Hop da rapaziada
Um dia ví uma parada assim... no Youtube
Parece o Cálice, aquela cantiga, antiga minha, 2000
É como se o camarda me dissesse:
Bem vindo ao club Chicão, bem vindo ao club
Valeu Criolo Doido, éh jovem artista
Palmas para o refrão, bem vindo Rap paulista"

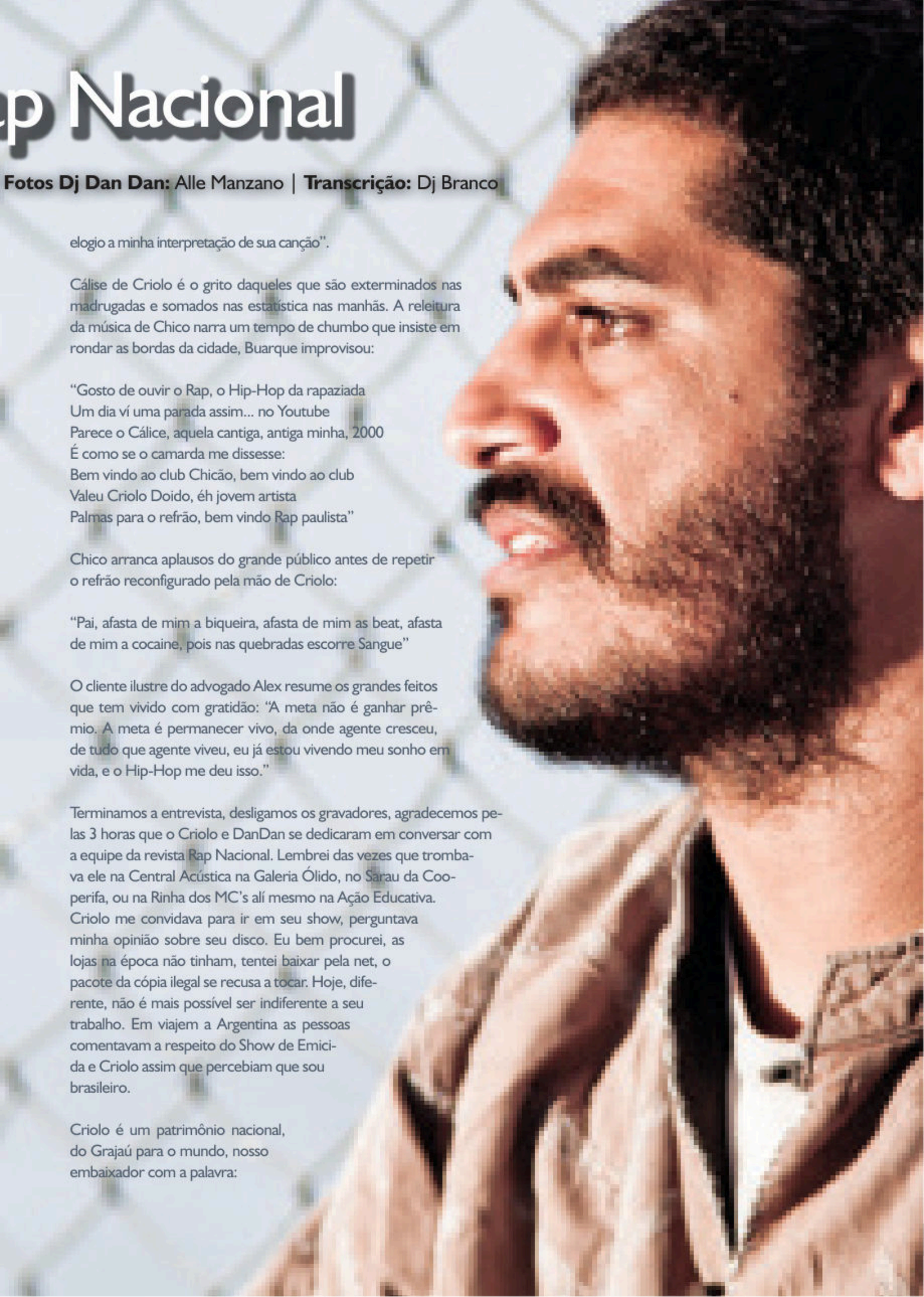
Chico arranca aplausos do grande público antes de repetir o refrão reconfigurado pela mão de Criolo:

"Pai, afasta de mim a biqueira, afasta de mim as beat, afasta de mim a cocaine, pois nas quebradas escorre Sangue"

O cliente ilustre do advogado Alex resume os grandes feitos que tem vivido com gratidão: "A meta não é ganhar prêmio. A meta é permanecer vivo, da onde agente cresceu, de tudo que agente viveu, eu já estou vivendo meu sonho em vida, e o Hip-Hop me deu isso."

Terminamos a entrevista, desligamos os gravadores, agradecemos pelas 3 horas que o Criolo e DanDan se dedicaram em conversar com a equipe da revista Rap Nacional. Lembrei das vezes que trombava ele na Central Acústica na Galeria Ólido, no Sarau da Cooperifa, ou na Rinha dos MC's alí mesmo na Ação Educativa. Criolo me convidava para ir em seu show, perguntava minha opinião sobre seu disco. Eu bem procurei, as lojas na época não tinham, tentei baixar pela net, o pacote da cópia ilegal se recusa a tocar. Hoje, diferente, não é mais possível ser indiferente a seu trabalho. Em viajem a Argentina as pessoas comentavam a respeito do Show de Emicida e Criolo assim que percebiam que sou brasileiro.

Criolo é um patrimônio nacional, do Grajaú para o mundo, nosso embaixador com a palavra:



1 Quem é Dj Dan Dan?
Criolo: Um cara simples, sangue bom, solidário com as pessoas. Um cidadão brasileiro que através do seu aprendizado das ruas tenta dizer algo para as pessoas e com isso deixar um legado para as gerações futuras.

2 Quem é Criolo?
Dj Dan Dan: Criolo sempre foi um cara sensível as coisa da vida, porém sempre analisou todo passo dado por ele, construiu a história com honestidade e amor a essa música chamada RAP. Ele consegue juntar as coisas da intelectualidade com a linguagem das ruas, que não deixa de ser intelectual também.

3 Como você e o Dj Dan Dan se conheceram?
Criolo: Conheci o Dj Dan Dan entre 96 e 97 nas festas e encontros que nós inventavamos para poder cantar. Na nossa época era só marcar um encontro que já virava ensaio, não importava se era na rua, na porta da escola ou na porta do bailinho. Porque não é só você pensar RAP, é um estilo de vida, uma cultura. E aos poucos você se identifica com as pessoas que têm o pensamento parecido com o seu e quer apresentar coisas para essas pessoas e ouvir o que elas tem a dizer. Quando você percebe já está em sua cadência, em seu cotidiano, aquilo passa a fazer parte da sua rotina de vida e quando falta parece que o dia não foi perfeito. Porque o palco era algo muito distante, para subir no palco primeiro você tinha que acreditar, tinha que ter algo para trocar com alguém. E foi no meio disso tudo que conheci o Dandam e surgiu uma química boa. O Dj Dan Dan é um dos homens mais cultos que existe no universo das artes da cidade de São Paulo, porque ele tem a solidariedade de nunca descansar quando alguém o chama, não importa quem seja, nem a classe social.

4 Que músicas você ouvia na infância
Criolo: Escutava o que meus pais escutavam, porque criança escuta o que o adulto está escutando. Eu nasci e fui criado em favela e em cada barraco tinha alguém de algum lugar do Brasil. Então, nos meus primeiros sete anos de vida, eu escutava música de todo o lugar. Isso fica no cognitivo e uma hora vai desabar. Com 11 anos eu percebi um cara fazendo um verso e eu achei aquilo mágico. Descobri que em uma rádio rolava um negócio parecido com isso que se chamava RAP e quis ouvir e saber o que era. Aos 13 anos eu fui estudar no Esther Garcia e comecei a curti os bailinhos de lá. Nessa época descobri também o que eram as equipes de som. Depois conheci os caras do meu bairro, o Iris, o André Phd, o Netinho, que é DJ, e o Célio, que é um grande pesquisador de música mundial. São caras extremamente politizados e também foram essenciais para a minha construção musical. Uma vez fui numa festinha de aniversário de uma menina e tinha um cara de uma equipe de som tocando para animar a festa e do nada ele rolou uma pancada e eu quis saber o que era e ele estava com o disco do Ol' Dirty Bastard, olha onde eu fui conhecer Wu-Tang Clan, olha onde estava rolando RAP. Eu me apaixonei loucamente. Eu já tinha um jeito que o pessoal não achava muito tradicional de cantar RAP, sofri muito preconceito dentro do próprio RAP. Achavam que se você cantasse diferente já estava prostituindo o RAP e isso não é certo. Eu não vou falar com a maldade no coração porque eu respeito o respeito que eles tinham pela parada, só que era difícil para mim, porque Dona Vilane e o seu Cleon me ensinaram a pensar. Eu era o louquinho da turma, eu era o comédia, eu era o RAP festa... Em 1999 eu conheci o André, o Celinho e Wiles e formamos o Pacto Latino, que falava de política além das fronteiras do Brasil, mesmo assim era o comédia porque escolhia batidas diferentes. O Celinho e eu eramos visionários e ao mesmo tempo eramos loucos. Ele era o maior colecionar de vinil de MPB. Eu cresci em um ambiente onde eu era estimulado e forçado a manter o nível intelectual, político e de criação artística das pessoas que andavam comigo. Fazia os rolês, bolacha seca, passando por baixo, sendo humilhado, enquanto os irmãos, Graças a Deus, indo para Praia Grande. Eu via os amigos indo para uma pizzaria na quebrada, que era baratinha, e eu não ia. Eu era obcecado pelo sonho, que muita gente hoje não entende, que era de ser alguém. Sempre fui muito estimulado a não ser o café com leite daquela turma. Os caras eram monstros, para





se ter uma ideia o André já falava francês e espanhol na década de 90, batia de frente para falar de geopolítica e economia da América Latina. Eu sou a ponta do iceberg dos monstros que estavam ao meu redor, que eu tive a sorte de ter na minha adolescência.

5 Você lembra quem foi esse primeiro verso mágico que você ouviu?

Criolo: Um amigo meu, na quinta série, fez uma rima porque não sabia se ia passar de ano. Eu falei: – Deus nunca vi isso na minha vida! Porque isso você só lia nos livros, mas a ligação era outra, a conexão foi diferente. Eu estou aprendendo ainda. Os caras não entendiam porque não tinham gírias nos meus versos, não entendiam porque eu falava outras palavras.

6 Por que não tinham gírias?

Criolo: Eu tinha 12 anos de idade e ia da escola para casa. Minha mãe poetiza, nível 400. Meu pai escutando Nat King Cole e Moreira da Silva que era um outro palavreado. Onde nós morávamos a barra era pesada, eu ficava mais dentro de casa e falava do jeito que meus pais falavam.

7 E o que mais você lembra dessa época?

Criolo: Antigamente tinha um bagulho que era da hora, que também vale falar. Tinham uns grupos de dança, toda quebrada tinha grupo de dança, grupo de RAP era novidade. E os grupos de dança não eram comedinhas não. Eu trocava ideia, eles tinham posicionamento, postura.

Lembro o primeiro show que eu fui na Unidos do Peruche, lançamento do Vinil do M.T.Bronks. O Cassio emprestou um boot para mim e outro mano emprestou o boné, porque nós tinhamos vergonha da roupa que usávamos. Olha como é nossa auto estima. Uma potência em intelectualidade, em fazer coisa boa com qualquer ser humano. Mas aquilo tudo estava ao seu redor dizendo que você é alguém que não merece viver. Fui no show com o Celinho, o Wiles, meu irmão e o finado Joel. Foi a primeira vez que sai de casa para ir tão longe curtir o show dos caras, cantou Pivete, cantou Black Panthers, e outros lá que eu esqueci agora. A gente foi treinado para sofrer, quando percebemos que esse sofrimento não é para nós, somos capazes de fazer qualquer coisa para esse sofrimento não passar nem na porta. Você e seus ancestrais apanharam a vida toda e quando vem qualquer ideia adversa, até você processar, primeiramente, você já está se protegendo. No basquetebol defesa



é ataque. É preciso dar um passo atrás para entender o porque daquela agressividade, da batida, da letra. O porque daquele sangue escorrendo, daquele verso, dar um passo atrás para entender o mundo que o cara vive, que se pá é até o seu.

8 Como as lembranças do passado são transformadas em inspiração?

Criolo: Uso a inspiração para amenizar o que a tragédia me proporcionou, o bálsamo da dor. Muito melhor essa ideia do que falarmos da tragédia com expressão, porque já está todo dia no nosso café da manhã. Mas é isso o que eles vão querer colocar no jornais. E as duas coisas estão juntas, naquele mesmo processo de criação, mas como é a intenção de cada um de se manifestar e se posicionar em relação a isso.

9 Você já recusou algum convite por perceber que havia uma intenção ruim?

Criolo: Eu nunca achei que vieram muitos convites, do jeito que eu trilho minha caminhada, do meu jeito, não chega muita coisa para mim não. Tem uma coisa aqui, outra ali, e às vezes eu acho algo importante. Por exemplo, um rapaz chamado Via Max me convidou para compor em cima de duas músicas que ele fez. Procurei saber quem era esse cara e descobri que ele estava fazendo um disco em homenagem a avó, são memórias africanas e aquilo me tocou profundamente. Eu vi que o trabalho dele era de muito valor estético e interessantíssimo intelectualmente. Me senti honrado pelo convite. Participei recentemente de um álbum do Rodrigo Campos, que é um dos maiores compositores contemporâneos, na música chamada "Ribeirão" que conta a história de amor de um escravo pela escrava, mas os donos descobriram e os assassinaram na beira de um rio. É uma canção de uma delicadeza absurda, que esta falando de uma atrocidade. O Gaspar vai fazer um álbum com sonoridade de música brasileira e me convidou. Eu vou participar, primeiro porque ele é influência para mim, é um dos maiores letristas, MC e historiador que o nosso país tem. Ele ama aquilo que faz e tem uma performance de palco que poucas pessoas no mundo tem. Então, para mim é uma honra. A mesma honra que tive em poder dividir o palco com Ney Matogrosso e agora ele vai gravar "Freguês da Meia Noite". Eu ponho na mesma qualidade de honraria. E como será isso para o universo do RAP? Eu falando que Gaspar, do Z'Africa Brasil, para mim é tão maravilhoso quanto Ney Matogrosso? Já não cabê a mim, porque cada um tem sua



história e vai tentar compreender. E dentro da sua verdade vai achar que, ou eu estou tirando um, ou estou valorizando outro.

10 E como que é isso no universo fora do RAP?
Criolo: Opa, ai é onde esta o X da questão. Entre os irmãos nós nos resolvemos. Sabemos os nossos porquês. Poucos tem a coragem de tentar descobrir o que tem além mar. Pelo menos acredito que nesse gesto vão procurar saber quem é o Gaspar e vão se apaixonar por ele. Talvez a minha música nem saia à altura do álbum dele, porque ele é um grande gênio. Mas o gesto de falar para algumas outras pessoas, de outros universos, que existe um poeta igual a Gaspar, talvez tenha mais valor do que até o próprio registro fonográfico. E não faço comercial de cerveja, nem de carro e nem de um monte de coisa que eu não acredito, que não tenha a ver comigo. Se me chamarem para um comercial de bicicleta elétrica até faço, embora acho que seja caríssimo, e talvez até o irmão da quebrada vai achar que eu estou tirando ele, e esta certo em sua verdade, mas também atacar um pensamento de que para que tanto carro na rua se existe uma outra opção. De qualquer forma, você vai receber dos dois lados, e nem todos estão com o coração aberto para compreender, e nem todos vão tentar perceber o que há atrás disso.

11 De qual lado que mais dói?
Criolo: Nenhum dos dois, porque o que eu faço é com coração e vou entender se o irmão criticar. Nós não caímos de paraquedas, nós vivemos todas essas fases de querer ter e não poder. Se não fosse o mano ter emprestado aquele tênis para eu ir no bailinho eu não ia mano. A primeira vez que eu subi no palco era uma festa de doação de roupa e de comida na Associação de Moradores no Jardim Maraca, eu fui lá pegar minha cota para levar para minha família. Ter medo de que? Eu não vou entender o irmão que esta me criticando, Graças a Deus ele me critica, pelo menos ele tem o processo do pensar, pelo menos eu não passei batido. O além mar é assim. Depois de 25 anos eu fui indicado a um prêmio do valoroso estado de São Paulo, "Jovens Líderes", um prêmio lindo, lindíssimo. Eu estava lá, entre pessoas da área de educação, das artes,


SAÍDA DE
EMERGÊNCIA



saúde. Por que eu estou falando isso? Porque a reunião que a minha mãe foi junto, com representantes de bairros a 24 anos atrás, para saber a data da entrega dessas doações foi no Palácio, e eu fui com ela. Eu entrei no Palácio, depois de 24 anos e voltei sendo indicado ao Prêmio de Cultura de um dos maiores jornais do país, concorrendo com Selton Melo e o escritor Michel Laub. Marcelo Rubens Paiva me entregou esse troféu. Depois de 24 anos eu voltei lá, então é dessa forma que eu lido com o além mar. E na minha fala estava escrito: "Gostaria de agradecer a todas as pessoas da minha quebrada, foram eles que me trouxeram até aqui, muito obrigado". Depois eu fui embora e não jantei, eu não estava com fome naquela noite (risos). Estava estasiado com toda aquela situação.

12 Sempre que você vai a algum programa de televisão, ou ganha um prêmio, você fala do Grajaú, leva a camisa do Pagode da 27. Você tem orgulho de falar que morá lá. Outras pessoas começaram a falar que moram no Grajaú e se referem como o bairro do Criolo. Você criou essa identidade, resgatou o orgulho de ser da periferia . Como que você vê o lance de devolver para a quebrada o orgulho de ser de lá?

Criolo: Eu não sou a pessoa que teve essa capacidade. De repente as pessoas do Grajaú sempre falaram do Grajaú, mas ninguém percebeu. Tudo e qualquer coisa no mundo tem os dois lados, para você falar depende do dia que você está e o que está acontecendo com você. Na mesma rua pode ter um irmão nosso, como o advogado Alex. É verdade, ele mora na rua Três, duas casas antes do Pontilhão, crescemos juntos e ele se tornou advogado. A família dele colocou lá a faixa: "Parabéns Alex, é muito orgulho você ter passado na prova da Ordem dos Advogados do Brasil". Mas ao mesmo tempo, quantas vezes nossos irmãos paravam ali para trocar ideia e ele falavam que o currículo não tinha sido aceito. Na mesma rua pode ter alguém triste e alguém sorrindo, isso pode ser dentro da sua casa, da sua família. Acho que é natural termos esse sentimento, mas eu tenho orgulho de mostrar, de estar com a camisa do Pagode da 27, porque eu acho que o que eles fazem é maravilhoso.



Eu conheci a geografia de São Paulo através do RAP, e é tudo periferia. Campinas, Sistema Negro, Zona Leste, Consciência Humana, RZO, Zona Oeste. Tem que pegar pesado mesmo porque os caras acham que a gente está dormindo e o povo é gado. Como é que vai bater de frente? Facção, o orgulho de ser negro, o orgulho de ser da quebrada, de escrever a malandragem que acontecia. Passar uma ideia positiva, a força de Racionais, com o maestro, KI Jay, nas pick ups. Por isso que eu falo que é diferente, não é melhor, nem pior, é diferente. A relação que temos com a música RAP, porque ela traz essa força.

Eu não me coloco nessa condição de alguém que resgatou nada, eu sou um cara do Grajaú. Eu não desisti e quando eu fui parar, das poucas vezes que fui parar, o Dj Dan Dan nunca deixou.

13 Mas foi num momento que você pensou em parar que começou a surgir o "Nó na Orelha"? Explique como isso aconteceu.

Criolo: Um amigo, chamado Ricardo, sabia que eu compunha samba, forró, reggae e um monte de outras loucuras e falou para eu registrar tudo isso que era importante deixar esse registro para minha família, porque ninguém sabia que tinha isso. Então eu conheci o Marcelo Cabral, que é amigo de infância do Ricardo. O Marcelo quis dividir esse momento com o Daniel Ganjaman. Gravamos o bagulho numa salinha, um computador e uma mesa. Eu comecei a mostrar outras coisas, cada dia era uma surpresa para eles. Cheguei com 70 canções e eles não mudaram uma vírgula na melodia, não mudaram nada. Foi um grande desafio para eles também, porque o produtor é um historiador, é contemporâneo, sabe o que esta rolando.

14 O que seria o último disco virou um recomeço?

Criolo: Toda minha vida eu pensei música. Não subir mais aos palcos não significava parar de compor, parar de viver os outros ambientes da música. Parar significa não mais protagonizar momentos no palco e sim aplaudir quem está chegando. Não tem aquela coisa de que acabou tudo, não existe isso de pegar a chave e desligar.

Como você vê os Saraus?

Criolo: Eu enxergo os Saraus



como uma revolução absurda, de alma e essência. Você vai lá e declama sua poesia e as pessoas ali lhe escutando. Isso é uma prece, um ritual de respeito a humanidade. Isso refrigera sua alma. Não é que agora você é alguém, é que você lembrou quem você é. Porque todo mundo é alguém. No Sarau existe um ambiente para você se perceber, e quando se percebe, ninguém lhe segura.

15 Quando você escreve uma música pensa em que perfil de público?

Criolo: Não é dessa maneira. Eu não sou uma máquina e a música não é um caça-níquel. Eu não canto para esse ou aquele público que me elogia mais. Eu canto para seres humanos. Eu não penso nisso quando vou compor. Para ter uma ideia, depois é que os caras falaram para mim que "Freguês da Meia Noite"é um bolero e a roupagem de Bogotá é um afrobeat.

16 Você é considerado pela periferia o Chico Buarque dos nossos tempos. Como que você encara isso?

Criolo: Está rolando isso aí? Não sei não! Eu encaro que em cada beco, cada viela, terá um Chico, um Fela Kuti, um Eduardo do Facção, um Sabotage. Nós somos homens fortes porque determinados nomes tem emblemas fortíssimos. Se eu chegar no irmão e falar que enxergo nele o Chico Buarque e ele não souber da história do Chico vai soar como um nada. Se eu falar que enxergo nele um MC ou algum dançarino de tal crew de break, a ligação é direta. Ao mesmo tempo uma construção de texto ligada a essas pessoas tem um valor absurdo. São pessoas que conquistaram um respeito nos palcos de toda uma geração. Então, obrigado a vocês por esse olhar, mas é porque alguém me estendeu a mão.

17 Você acha que de uns tempos para cá tem bastante sucrilho nos pratos da favela?

Criolo: Existem tantos interesses... Se os caras acharem que a classe média é tantos reais por mês, então será, só para ter uma estátisca X. Se for preciso eles falam que um bairro que tem um milhão de habitantes só tem quinhentos, isso para que o valor X de verba por habitante seja o que eles querem passar. Sempre as pessoas foram assassinadas, sobretudo nas periferias. Sempre existiu essa guerra civil, velada, escondida. Sempre! E é isso que estou falando.

18 Qual a sua formação?

Criolo: Depois do colegial fiz arte e pedagogia, mas não tive dinheiro para a mensalidade. Em pedagoia consegui uma bolsa, mas no meio do processo não deu para continuar. Na vida a gente tem que fazer escolhas, mas dessas escolhas não sabemos qual será o desdobramento.

19 Qual a diferença do Criolo Doido, das rinhas de MCs, para o Criolo, depois de uma turnê pela Europa?

Criolo: A diferença? Nenhuma, sou o mesmo de sempre.

20 E se eu perguntar qual a diferença do Cleber, no Grajaú, para o Criolo, que já ganhou tantos prêmios?

Criolo: Não tem diferença, porque se tivesse eu não merecia ter ganho nenhum prêmio, porque quem me deu esses prêmios foi o povo, o RAP. Porque um prêmio nada mais é que um grupo de pessoas, estudiosos, que se reunem, avaliam o seu trabalho e de modo solidário decidem lhe dar mais uma força.

21 E você Dj Dan Dan, o que aprendeu com o reconhecimento dos prêmios?

Dj Dan Dan: Melhor que ser conhecido é ser reconhecido. A grande força sempre foi da comunidade, foram eles que suscitaram os primeiros prêmios que nós ganhamos. O primeiro foi a premiação do "RAP é Compromisso", feito pelos meninos lá de Carapicuíba. Para nós foi uma emoção muito grande. Pegamos trem e buzão para ir até lá e passamos um dia maravilhoso com os caras. Não existe diferença do que aconteceu naquele dia do que acontece hoje, porque as pessoas que nos colocaram onde estamos são as mesmas. A nossa singela vi-

tória é a vitória de cada cidadão periférico.

22 Vocês são embaixadores do Brasil no mundo. Qual o peso disso?
Criolo: Todo cidadão é embaixador de sua nação quando está fora. Para você ver como o RAP é forte. Eu tenho consciência da mão que me estenderam, da oportunidade que me deram. Tem tanto cara talentoso no Brasil, se eles recebessem metade da oportunidade que eu tive estariam cantando em Marte, em Vênus, em Plutão.

23 Porque o disco "Nó na orelha" foi disponibilizado gratuitamente na internet?
Criolo: Me deram de graça e eu só retribui.

24 Na música "Mariô" você faz referência ao Candomblé. Isso tem alguma influência nas suas vestimentas?
Criolo: Minhas roupas, minhas batas, guias, é tudo coisa que eu ganho, tudo presente. Nada é desrespeitoso ou querendo criar um personagem. São objetos que as pessoas me dão nos shows e falam: "Fizemos uma oração para te proteger, te dar luz. Leve com você". Sabe porque eu uso? Porque eles depositaram a energia vital da vida, da crença, daquilo que acreditam. Eu já ganhei presente de evangélicos, católicos. E é isso aí, quebrando barreira religiosas.

25 E qual a sua religião?
Criolo: A música.

26 O que você diria para um cara que acha que você teve que deixar o RAP para fazer sucesso?
Criolo: Eu vivi tantas coisas na minha vida e eu só faço o que meu coração pede. Você não abandona uma expressão de arte, você só abandona aquilo que nunca esteve com você. O RAP é importante, ele também pode ser uma arte de passagem para várias pessoas que vão viver outras experiências e o teve como bagagem. E aí vai falar que abandonou o RAP? É escravidão? O RAP não é isso não. É uma expressão de arte musicada, que dá voz, força, instrumentaliza, lhe dá condição de trocar ideia. Isso para mim é um mundo que se abre e pronto. Tem suas vertentes, suas histórias. O importante é nos respeitarmos e não esquercermos que o RAP é uma expressão de arte, sempre está em mudança, porque tudo está em transmutação.

27 Criolo você acredita que não existe o sentimento de amor em São Paulo?
Criolo: Quantas mortes a gente teve de outubro de 2012 para cá? Quando eu falo não existe amor em SP, quero dizer que a cidade de São Paulo precisa se organizar para dar condições de vida digna às pessoas que moram nela. Porque o amor transborda dentro do coração de cada um de nós. É um grito de desespero. Nunca pensei que fosse chegar a tanta proporção.

28 E quando você vê um festival com o nome Existe Amor em SP"? É uma evidente referência a sua produção. Como você interpreta isso?
Criolo: Eu acho que pode assinar embaixo. Alô, cidade nós existimos. Olha para nós!. Não aguentamos mais descaso, repressão, nem ser tratado como um lixo, como números. Olha como somos capazes de fazer coisas bonitas. Mas foi como eu falei no palco, não vai para grupo não! Tem várias quebradas, vários lugarzinhos onde há gente sofrendo por depressão e nem está se ligando no que está acontecendo. Fazer um sarau, como os caras fizeram a 10, 15 anos atrás, que hoje está sendo respeitado e conhecido, valorizar qualquer expressão de arte de qualquer ser humano, valorizar uma boa ação de qualquer pessoa, independente cara, é tão valoroso quanto você ver 30 mil pessoas naquela praça cantando juntos. O que aconteceu lá é um emblema de quanto as pessoas querem mudança. Nós, os seres humanos, ainda estamos muitos distantes. Como falar de esperança e dias melhores para uma pessoa que sofre preconceito pela cor da sua pele, ou pelo seu formato físico. As coisas estão acontecendo e nós estamos observando, porque mudam as formas de se camuflar os pensamentos. Onde já se viu uma cara ser assassinado por ser homossexual? Quem lhe dá o direito







de tirar a vida de um homem ou de uma mulher por ser homossexual? Quem lhe dá o direito de rir de um irmão porque ele tem a cabeça chata ou por ser analfabeto? O homem está passando fome, é uma vergonha. Mas o mesmo cara que assina um documento para ter a roubalheira esta todo mundo pagando pau e querendo tirar foto, reparando com que carro que ele chegou.

29 Você acha que a sua sensibilidade é diferente da maioria das pessoas?

Criolo: De onde eu venho o pessoal é assim. Só sou assim porque aprendi com eles, com meu RAP, com a minha favela, meus professores de escola pública. Nunca vou me colocar em uma condição humana de destaque, porque não sou destaque, não espere isso de mim. Nós somos um erro que o sistema não ganhou a lança antes.

30 Você concorda com a frase que "os fins justificam os meios", na política?

Criolo: Não necessariamente, isso é desculpa! Essas frases feitas são todas desculpas. Na política, os fins justificam os meios, mas eles não mandam os filhos deles para as guerras. Porque aquele PM que está morrendo também é ser humano. Eu não quero acreditar que todo policial é corrupto. Agora não é porque o cara esta desempregado e jogando bola no campinho que pode chegar e metralhar só porque ele era preto. Existe uma concepção de como você enxerga quem nessa história toda, é onde entra a fé que cada um tem. Porque se eu acredito que isso aqui é o certo, eu vou agir dessa forma e não tem quem me segure. O cara aperta o gatilho mesmo. É preciso entrar no mundo, quem sabe o mundo das artes, para conhecer toda história cultural dessa pessoa e tentar entender o que leva a pessoa ser desse jeito.

31 E depois de 24 anos de carreira e tudo que você já viveu, ainda falta alguma coisa

Criolo: Só quero cantar para agradecer, já me deram tudo. O povo me deu tudo! Não falta nada, até porque nunca cantei para conquistar nada, cantei para me expressar e estão deixando eu me expressar. O que eu posso pedir mais?

32 E o futuro?

Criolo: O futuro a Deus pertence. Vou saber de futuro? Só uma coisa que eu sei, é que se me permitirem, me derem condições, eu vou continuar cantando. Afinal, é só o que eu sei fazer. Estou falando com



sinceridade isso, de verdade. Não tenho nada o que pedir, não tenho nada o que almejar.

33 O que o Sabotage significa para você?
Criolo: Tive a felicidade de conviver um pouco com ele. Sabotage é um mestre e é difícil falar de um mestre.

34 Existe diferença em dar entrevista para a Folha, o Estadão, ou uma revista Francesa, como você deu recentemente, e para a Revista RAP Nacional?
Criolo: Lógico que tem diferença, mas isso não significa que eu me comporte de modo diferente.

35 Qual a diferença?
Criolo: Se fosse para a Folha de São Paulo, para o Estado de São Paulo, ou para uma revista francesa, inglesa ou russa, eu agiria da mesma forma, responderia com a mesma força, carinho, preocupação e respeito. Isso não muda nada, agora talvez a sua forma de perguntar seja diferente, talvez a forma como você vai traduzir minha resposta seja diferente. É como se de alguma forma, por mais que o jornalista tenha que ser imparcial, mas parece que você esta pulsando junto. Inclusive, eu considero importante os registros jornalísticos que são feitos, sobretudo, por pessoas que vem da nossa história, que vivem o hip-hop, que vivem o RAP. Profissionais que enxergam arte, mas que vem dessa escola, porque muito se perdeu. É grande a importância dos blogs, sites e da revista e jornais. Para nós é muito valoroso esse momento, é um momento de agradecer a vocês. Quando éramos adolescentes ficávamos vendo as revistas e jamais nos imaginamos na capa de uma revista de RAP, pensávamos que nunca fossemos merecer. Então, pode ter certeza que nós vamos guardar com muito carinho.

Dj Dan Dan: Existe outra diferença importantíssima entre a revista RAP NACIONAL ou qualquer outro jornal ou revista. Quantas vezes a gente já se trombou por ai? Faz tempo que não vejo o Mandrake, mas conheço de perto a história. As suas perguntas acabam soando mais natural do que uma pergunta montadinha, de um repórter de outro veículo. Uma vez um jornalista perguntou para o Criolo: "Você tem uma canção chamada Sucrilhos. Sua mãe te deu muito Sucrilhos quando você era criança? Entende a diferença? Vocês conhecem a gente.

36 Você ainda tem esperança na humanidade?
Criolo: No dia que você tirar a esperança de um homem, você tirou tudo dele.



MAX BO e Soul Connection: Musicalidade a flor da pele

Por Elaine Mafra



O rapper MAX BO tem se apresentado junto com a banda Soul Connection, em um projeto inédito que resgata grandes clássicos que influenciaram toda a história musical do hip-hop. No final de janeiro, eles se apresentaram na festa de aniversário da Escola de Samba Unidos de Vila Maria. Funk e outros gêneros dançantes da soul music marcaram o repertório do show, que teve ainda clássicos famosos de James Brown, Curtis Mayfield e Earth Wind and Fire.

MAX BO tem uma história parecida com a de tantos outros jovens negros que nasceram e foram criados na periferia de São Paulo. Mas a vida dele começou a mudar quando conheceu o rap e seguiu por esse caminho. No início da carreira passou por diversos grupos, porque achava que eles pesados demais. poucos foi conquistando seu estilo próprio e hoje é considerado um dos melhores na arte do improviso. Max já fez parcerias com músicos de renome, como Seu Jorge, Trio Mocotó, Talma de Freitas e lançou os discos "Ensaio" e "Antes que o Mundo acabe".

A Soul Connection é formada por Marcelo (baixo), Tibless (voz), Bill (guitarra), Dada (teclado) e Muka (bateria). O objetivo da banda é resgatar o que a música negra tem de melhor, com shows dançantes que revivem os grandes bailes do passado, e a nostalgia que imperava no final da década de 70 e início dos anos 80, como Chic Show, Black Mad e Zimbabwe. Nas apresentações da Soul Connection é possível conferir releituras com arranjos modernos de grandes bandas como Zapp, Earth Wind & Fire, Brass Construction, Dazz Band, entre outros.

A banda, junto com MAX BO, tem feito grandes shows em lugares importantes como Bourbon Street e o aniversário da Escola de Samba Unidos da Vila Maria, ambos em São Paulo. A parceria tem tudo para se manter por um longo tempo, afinal, são grandes talentos unidos em prol da boa música.

DRUMP

AUTHENTIC 2012
CLOTHING
AUTHENTIC SINCE TWO THOUSAND
And FOUR | WIDTH REALLY
DENIN COMPANY
REGISTERED TRADE MARK 2004
MMIV
INNOVATION FOREVER

INVERNO
2012

JAQUETAS
COLLEGE



CÔMPRE ONLINE
WWW.DRUMP.COM.BR
MULTI | MARCAS

APARELHO COM
LEITOR QR CODE
CONFIRAM AS PROMOÇÕES
EXCLUSIVAS NA LOJA VIRTUAL
E DESFRUTE DO CONFORTO
DE SEU LAR!

REDES SOCIAIS:

SKATE BOARDING
URBAN WEAR

CONTATOS:
+55 (11) 3361-6750
drump@drump.com.br

ENDEREÇO LOJAS FISÍCAS
Avenida São João, 439 - Lojas 37 e 106 - Centro - São Paulo - Brazil


SOUL
CONNECTION
In Concert
RARE GROOVES & FUNK SHOW
SHOWS
soulconnetion@uol.com.br
www.soulconnection.com.br
7834-9225
Banda Integrantes
ROCHAMAN
Bass and Grooves
TIBLESS
Vocals & Animation
BILL
Guitar's, Lead guitars
vocoder & Talk Box
HUGA
Drum's and sequencer's
DÁDA SOUL
Keyboards, Keytar,
sequencer's
and mix tecnology



Compre online www.lojarapnacional.com.br